

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANA MARIA COSTA DOS REIS**

**AVALIAÇÃO DO ALUNO COM SINDROME DE DOWN:  
CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DA APAE/MARABÁ**

MARABÁ

2008

**ANA MARIA COSTA DOS REIS**

**AVALIAÇÃO DO ALUNO COM SINDROME DE DOWN:  
CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DA APAE/MARABÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, sob a orientação da Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos.

Marabá

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANA MARIA COSTA DOS REIS**

**AVALIAÇÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN:  
CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DA APAE/MARABÁ**

Orientado por: Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos

Avaliado por:

Profa. Ms. Vanja Elizabeth Sousa Costa

Prof. Esp. Marcelo Almeida Araújo

Data: 15 de dezembro de 2008.

MARABÁ  
2008

*Ao meu companheiro e grande amor;*

*Janival Dias Vieira*

*Pela força,*

*Pelo apoio,*

*Sempre...!*

*À Cleonice Costa dos Reis (minha mãe)*

*(in memorian)*

A Deus, por ser tudo em minha vida.

Às minhas famílias  
Balla,  
Costa e  
Vieira  
pelo apoio e carinho!

A professora Hildete, pela força!

“Quem nada conhece, nada ama.  
Quem nada pode fazer nada compreende.  
Quem nada compreende nada vale.  
Mas, quem compreende também ama, observa, vê...  
Quanto mais conhecimento houver inerente numa coisa, tanto maior o amor...  
Aquele que imagina que todos os frutos amadurecem ao mesmo tempo como as cerejas,  
Nada sabe a respeito das uvas...”  
Paracelso

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar, como as professoras de crianças com síndrome de Down da APAE de Marabá (Associação dos Pais e amigos dos Excepcionais) fazem a avaliação de seus alunos com síndrome de Down. Descreve-se, na parte teórica, os conceitos de inclusão e integração, avaliação educacional, avaliação do deficiente e avaliação do aluno com síndrome de Down. Na parte analítica, são analisada as falas das professoras que atuam no ensino fundamental da APAE/Marabá, utilizando como recurso metodológico a análise de conteúdo. Como resultados, foi observado que as concepções das professoras são descritas como construtivas, inovadoras e participativas; acreditam ter uma visão de avaliação qualitativa. Utilizam instrumentos avaliativos classificatórios como provas; no entanto, a maioria afirma que a avaliação é usada como auxílio do ensino e da aprendizagem. Consideram suas praticas flexíveis e criativas, e expressão expectativas de que seus alunos aprendam conteúdos específicos, adquiram independência e autonomia pessoal.

**Palavras chave:** avaliação; síndrome de Down; deficiência; inclusão escolar.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO</b> .....	13
<b>3. AVALIAÇÃO EDUCACIONAL</b> .....	17
3.1. CONCEITO .....	17
3.2. TIPOS DE AVALIAÇÃO .....	18
3.3. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO .....	20
<b>4. AVALIAÇÃO E DEFICIÊNCIA</b> .....	21
4.1. A PESSOA COM SINDROME DE DOWN.....	22
4.2. O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM SINDROME DE DOWN .....	23
4.3. A PESSOA COM SINDROME DE DOWN E A ESCOLA.....	23
4.3. A AVALIAÇÃO ESCOLAR DO ALUNO COM SINDROME DE DOWN.....	24
<b>5. AS VOZES DAS PROFESSORAS DA APAE/MARABÁ: COMO SE DÁ A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SINDROME DE DOWN.</b>	
5.1 AS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES.....	29
5.2. OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS .....	32
5.3 FLEXIBILIDADE E CRIATIVIDADE .....	37
5.4. EXPECTATIVA QUANTO AO APRENDIZADO DOS ALUNOS .....	42
<b>6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>47</b>
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	50



## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho foi identificar, a partir de um aprofundamento teórico acerca da avaliação de pessoas com deficiência, como as professoras de crianças com síndrome de Down da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Marabá (APAE) avaliam a aprendizagem de seus alunos. Busquei analisar os conceitos de avaliação educacional, integração e inclusão e identificar as concepções das professoras de ensino fundamental da APAE de Marabá sobre avaliação da aprendizagem.

Decidi estudar sobre avaliação do aluno com síndrome de Down por estar pessoalmente envolvida com estas crianças e ter pouco conhecimento sobre todas as patologias que as envolvem. Objetivei, portanto, saber mais sobre os alunos com síndrome de Down, como avaliá-los para poder trabalhar melhor, de forma mais correta e, desta maneira, poder ajudá-las com seus problemas. Portanto, a escolha do tema *avaliação do aluno com síndrome de Down* foi uma oportunidade para aprofundar mais os conhecimentos e buscar embasamento teórico e metodológico para desenvolver a avaliação de crianças portadoras de síndrome de Down de maneira justa, promovendo sua inclusão na escola.

No município de Marabá, é a APAE<sup>1</sup> o local onde são atendidas as crianças com síndrome de Down desde 1997; só recentemente elas passaram a ser atendidas também em sala de aula comum na rede regular de ensino municipal. A APAE possui um programa assistencialista de inclusão social visando à inserção das crianças a partir dos pontos de vista físico, social e pedagógico. No que se refere ao físico, promove-se a inserção da criança em sala de aula e sua participação em todas as atividades. No social, há uma busca incessante por parte dessa instituição para aceitação da criança na comunidade escolar e pela sociedade, promovendo seu desenvolvimento global e sua participação em seu grupo social. No pedagógico, abre possibilidades de a criança realizar atividades pedagógicas semelhantes as das outras crianças ou mudá-las se preciso for para atender o aluno em suas necessidades educacionais especiais.

Segundo a Instituição, a educação de pessoas com deficiência, desde seu começo, deve ter como objetivo a autonomia individual quando o aluno chegar à idade adulta. Para este

---

<sup>1</sup> Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Marabá ou, abreviadamente, APAE de Marabá, fundada em fevereiro de 1997, visa o trabalho com as crianças que possuem déficit cognitivo, não exclusivamente síndrome de Down. As crianças com diversas necessidades educacionais participam de todas as salas de aula, que estão preparadas segundo as disciplinas e em cada dia da semana tem aulas com uma professora diferente.

intento não é necessário um modelo de educação específica e sim uma reorganização no currículo que respeite a diversidade cognitiva e cultural. Um dos maiores objetivos desta instituição é auxiliar o aluno no processo de inclusão na sociedade<sup>2</sup>.

Foi pensando na avaliação da criança com deficiência que se fez necessária a indagação: como o professor de alunos com síndrome de Down da APAE de Marabá avalia a aprendizagem de seus alunos? Para responder a esse questionamento, buscou-se atingir os seguintes objetivos: identificar qual a concepção que o professor da APAE tem sobre a avaliação da aprendizagem; identificar quais os instrumentos utilizados pelo professor da APAE para avaliar o aluno com síndrome de Down; observar a flexibilidade e criatividade do professor ao realizar a avaliação da aprendizagem do aluno com síndrome de Down; compreender qual a expectativa que o professor da APAE tem em relação à aprendizagem de seus alunos.

O presente estudo foi realizado com professoras de crianças com síndrome de Down, que freqüentavam, no ano de 2008, as classes da APAE de Marabá; Classes de Pequenos Aprendizes (CPA), participaram três professoras e, do ensino fundamental, cinco, totalizando oito professoras. As crianças do ensino fundamental na época do estudo tinham de seis a doze anos e os alunos da CPA, entre doze a trinta anos. Dentre as deficiências que se atende ali, os alunos eram acometidos de deficiência física; deficiência física e mental, síndrome de Down, autismo e hiperatividade. Essas dificuldades nestas crianças são decorrentes de diagnósticos de paralisia por sofrimento fetal, alterações do cromossomo vinte e um, microcefalia, dentre outros<sup>3</sup>. Participaram deste estudo oito professoras (três do PA e cinco do ensino fundamental, com a idade entre trinta e um a cinquenta e três anos). Quanto ao tempo de trabalho no ensino especial, sete professoras tinham tempo de atuação igual ou inferior a cinco anos, e uma atuava no ensino especial por um período de oito anos. Sete professoras tinham o curso de pedagogia e uma estava terminando o curso.

Utilizei com as professoras a entrevista semi-estruturada (ver anexos deste trabalho), que teve como objetivo principal levantar suas concepções sobre avaliação do aluno com Síndrome de Down.

---

<sup>2</sup> Dados obtidos em entrevista com a diretora da APAE, em 24/10/2008.

<sup>3</sup> No capítulo 4 é brevemente descrita a síndrome de Down em seus aspectos clínicos.

Solicitei inicialmente à APAE/Marabá autorização para a realização da pesquisa. Tendo sido autorizada, expliquei o objetivo da pesquisa para a diretora, supervisoras e professoras. O critério de escolha foi a aceitação das professoras em participar. Todas as professoras foram esclarecidas sobre os objetivos do estudo, aceitaram e autorizaram por escrito participar da pesquisa.

A coleta de dados com as professoras foi realizada no mês de dezembro de 2007 e nos meses de maio e junho de 2008 e cada entrevista teve a duração de oito a vinte minutos. As entrevistas foram realizadas nas salas de aula, junto com os alunos, pois estes não poderiam ficar sozinhos durante todo o período da aula.

As entrevistas foram todas gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Depois da transcrição das entrevistas, os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Segundo Franco:

A análise de conteúdo procura captar um saber que esta por trás da superfície textual, analisando em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói. O pesquisador pode ser considerado nesta teoria um espião que se propõem a desvendar a subversão escondida; leitor que dispõe de técnicas seguras de trabalho que se conduz como agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para construção de uma articulação entre linguagem e sociedade. A análise de conteúdo aplica-se ao discurso e baseia-se na dedução ou inferência sistemática, de forma objetiva identificando algumas das características da mensagem por meio da construção de categorias, reunidas por temas significantes (FRANCO, 2007 p.24-25).

Tratou-se então, de categorizar as falas, agrupando-as em torno de conceitos já consagrados de avaliação escolar, assim como relacionar tais conceitos com os instrumentos utilizados, seu potencial de flexibilidade e criatividade, e as expectativas das professoras sobre a aprendizagem dos alunos.

Para os estudos sobre avaliação, foram utilizados os conceitos e teorias de Luckesi (1998), Hoffmann (1993), Souza (1997), Vasconcellos (1998) e Capelinni (2003), quatro autores consagrados nesse assunto. A respeito de integração e inclusão, os autores selecionados foram Diniz (2007), Jannuzzi (2006), Beyer (2005) e Werneck (1997). Especificamente sobre síndrome de Down, utilizou-se Voivodic (2007), autora experiente em pesquisas nessa área.

Na primeira parte deste trabalho encontra-se o referencial teórico que embasa a pesquisa, subdividido em três capítulos: o capítulo 2 faz um resgate histórico acerca da

inclusão, demonstrando que integração e inclusão são processos diferentes; o capítulo 3 trata dos conceitos, tipos e instrumentos avaliativos de um modo amplo. O capítulo quatro apresenta especificamente a pessoa com síndrome de Down, seu desenvolvimento e a avaliação desses alunos. Numa segunda parte foram analisadas as vozes das professoras da APAE/Marabá sobre como se dá a avaliação da aprendizagem dos alunos com síndrome de Down, suas concepções de avaliação, instrumentos utilizados, flexibilidade, criatividade e expectativas de aprendizagens. Por fim, apresentam-se os resultados da pesquisa, com base nos objetivos propostos.

## 2. INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO

A inclusão é um tema que tem levantado muito debate entre educadores e especialistas sobre o que é válido e o que não se deve considerar na educação de criança com deficiência. Nesta polêmica, existem aqueles que apóiam a inclusão de todos os alunos, independentemente do grau ou tipo de limitação, na classe regular, com os fins dos serviços de apoio de ensino especial. Já outros consideram o conceito de inclusão apenas uma renomeação de integração e que o melhor seria colocar estes alunos com deficiência na classe regular, desde que os mesmos se adaptem aos pré-requisitos da escola. Há ainda outros que vão ao extremo, sua opinião é de que a inclusão é ilusória e inválida para nossa realidade educacional.

Frente a pontos de vista diferentes, torna-se necessário diferenciar o que vem a ser inclusão e integração. Em que sentido são diferentes? Voivodic (2007) afirma que, no sentido etimológico, integração vem do verbo integrar, que significa formar, coordenar ou combinar num todo unificado. “Inclusão significa compreender, fazer parte de, ou participar de” (VOIVODIC, 2007, pp. 25-6). Para esta autora, as diferenças entre integração e inclusão envolvem muitos fatores, mas o principal deles está no significado das palavras **participar e fazer parte de** encontrados no significado de inclusão. Participação é uma necessidade do ser humano, como relata Werneck:

[...] A integração e a inclusão são dois sistemas organizacionais de ensino que tem origem no princípio de normalização. Normalizar uma pessoa não significa torná-la normal. Significa dar a ela o direito de ser diferente e ter suas necessidades reconhecidas e atendidas pela sociedade (WERNECK, 1997, p.51).

A inclusão não pode ser encarada como um modismo, ou uma nova tendência na educação, tampouco surgiu por acaso: é resultado de lutas históricas por justiça social e igualdade de direitos para todos. Para compreender o que se mostra hoje como inclusão, precisamos fazer uma retrospectiva deste processo.

Mrech (*apud* VOIVODIC 2007, p.21-23), afirma que, na história da inclusão, as suas origens datam de antes de 1960 e sua formação baseia-se em quatro acontecimentos importantes: a emergência da psicanálise, a luta pelos direitos humanos, a pedagogia institucional e o movimento de desinstitucionalização manicomial. Segundo essa autora a autora acima citada, na psicanálise, com os trabalhos de Lacan e Freud aflorou uma nova concepção de ser humano. Já Manoni e Borges, ainda de acordo com a autora, trouxeram para a psicanálise questionamentos sobre o conceito de deficiência e a prática médica da época para o cuidado de crianças com deficiência e também influenciaram a luta pelos direitos dessas crianças para que fossem assegurados.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi divulgada na década de 60 do século passado e emergiu no mundo através dos movimentos sociais que trabalharam em prol do cumprimento de determinados princípios para a garantia de uma vida digna para aqueles que vivem à margem da sociedade.

A pedagogia revolucionária ou pedagogia institucional surgiu na França também nos anos de 1960 como resultados da luta pelos direitos humanos. Freinet e outros influenciaram esta pedagogia que tinha como objetivo apresentar um novo olhar para a educação, olhar esse que permitisse através da situação mostrar como é importante o contexto social do indivíduo, quando o mesmo encontra meios ou não para o seu desenvolvimento.

No século XX nas décadas de 60 e 70, com o surgimento de um movimento na psiquiatria acerca do tratamento dos doentes mentais e uma forte luta por desinstitucionalização manicomial, houve também uma nova influência na transformação da cultura, em relação à inclusão desses indivíduos. Podemos perceber estas mudanças no relato quando Voivodic afirma:

[...] Eles revelaram a importância de situações saudáveis para o bom andamento dos sujeitos. Situações onde os doentes mentais não ficassem excluídos dos ambientes comuns. Onde a eles fosse dado o direito de participar de uma forma mais ampla e digna dos contextos sociais comuns (VOIVODIC, 2007, p. 22).

Esta nova forma de ver o tratamento dos doentes mentais ultrapassou o campo da saúde e incorporou-se também ao campo da educação. Historicamente, os movimentos de pais de crianças com deficiência da Europa estão ligados à inclusão, suas lutas com instituições

privadas e públicas para que seus filhos fossem incluídos em situações comuns de ensino demonstram sua importância na história do processo inclusivo.

No Brasil a tentativa de institucionalização da criança deficiente apresenta datas antigas, pois segundo Jannuzzi (2006), essa idéia já fazia parte das lutas de alguns movimentos como; a Inconfidência Mineira (1789), a Conjuração Baiana (1798), a Revolução Pernambucana (1817), o surgimento das Santas Casas (1726) e também a iniciativa de alguns vultos solidários com parentes deficientes, ou que estudaram fora do país e retornaram com boas idéias. Como estes, surgiram outros, que ajudaram ou facilitaram algumas conquistas no campo educacional como foi a criação do Instituto dos Meninos Cegos no Rio de Janeiro, em 1854. É importante refletir que todas essas iniciativas e idéias ao longo da história tentaram promover a institucionalização que se dava de maneira segregada e não a inclusão do aluno com deficiência, pois investir em educação primária e educação fundamental não propiciava lucros para governos e interessados; então, o que aconteceu neste período foram o descaso e o esquecimento da educação para o governo, mesmo havendo leis já promulgadas garantindo o direito à educação (JANNUZZI, 2006, p. 6).

Em décadas anteriores a 1950 do século XX, fazia-se educação do deficiente no Brasil, em instituições especializadas, como já foi dito antes, onde os alunos eram segregados e privados do convívio social. Porém, em 1950, sob a influência dos Estados Unidos da América, foi instalado, em caráter experimental, em São Paulo, a primeira sala de recursos para alunos com deficiência visual; logo em seguida, essa sala ampliou-se para salas de recursos para deficiente mental e sensorial. Com a criação dessas salas começou o movimento para a integração do deficiente em salas especiais (VOIVODIC, 2007, p. 24).

No ano de 1994, houve a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em Salamanca na Espanha, que teve como resultado a Declaração de Salamanca, onde 88 governos e 25 organizações internacionais em assembléia firmaram o seguinte compromisso:

[...] Reafirmamos o nosso compromisso para com a educação para todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e ré-endossamos a estrutura de ação em educação especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governos e organizações sejam guiados (p. 17).

A participação em Salamanca fez acontecer como que um despertar para o nosso país sobre deficiência; desde então, as iniciativas para a inclusão do aluno com deficiência vêm ganhando apoio e repercussão no mundo pedagógico. Todas essas iniciativas foram importantes para que no futuro seja alcançada a inclusão do aluno com deficiência no Brasil, pois, apesar dos movimentos e iniciais individuais o que se mostra no presente é uma educação inclusiva não-planejada e muito no começo, como analisa Voivodic:

Em nosso sistema educacional encontramos atualmente uma verdadeira integração não-planejada ou uma inclusão incipiente. A integração não-planejada se refere a presença de crianças com deficiência na sala comum, sem apoio especializado e sem planejamento. Isso ocorre por causa da escassez e baixa qualidade do atendimento especializado, bem como por carência de serviços de diagnóstico precoce, fazendo com que a escola regular se torne alternativa disponível (VOIVODIC, 2007, p. 25).

A inclusão no Brasil é recente e vem acontecendo por diferentes influências, como foi a Liga Mundial pela Inclusão, lutou contra a educação de caráter segregacionista, se constituiu em acondicionar pessoas com deficiência a viverem isoladas em instituições especializadas. Este movimento surgiu nos países da Europa no século xx, na década de 80, com o objetivo de incluir essas pessoas no convívio comum, e teve grande influência aqui em nosso país. Outra influência importante para o processo inclusivo no Brasil ocorreu com a Liga Internacional pela Inclusão do Deficiente Mental, que surgiu na Bélgica, e influenciou também a Europa, África, Indonésia, Índia e Américas. O objetivo desse movimento era assegurar que a criança com deficiência mental frequentasse escolas regulares, e que fossem garantidos a elas estimulação e desenvolvimento pedagógico adequado, tendo por base a concepção que a criança com deficiência mental convivendo com crianças “ditas normais” e em uma sala comum teria maiores possibilidades de aprendizado social (MASINI, apud VOIVODIC, 2007, p.23-4).

Neste capítulo tratei da inclusão de alunos com deficiência, relatou-se, diferenças entre inclusão e integração, sendo a integração o processo de o aluno estar inserido no ambiente escolar, mas não ter garantido o seu pleno desenvolvimento. Já a inclusão garante que o aluno esteja integrado, participe das atividades e aprenda fazendo parte do processo como um todo. Apresenta também um pouco da história da inclusão no Brasil, onde é possível perceber que a ação de incluir foi e continua sendo um processo lento, dependendo de pessoas com influencia, com boa vontade através de movimentos sociais e a espera que o serviço público cumpra seu papel. Finalmente permite a reflexão de que a inclusão do deficiente no nosso país



esta acontecendo de maneira lenta e não planejada com pessoal despreparado sem nenhuma formação para receber este tipo de aluno, é sabido que existem alguns grupos de luta solitária como os laboratórios das universidades que trabalham realmente com a inclusão de fato, mas compreendem a minoria.

### 3. AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Este capítulo falará num primeiro momento sobre os conceitos de avaliação educacional nas visões de Luckesi (1998), Hoffmann (1993), e Vasconcellos (1998). Para estes autores, a avaliação escolar deve ser vista com o sentido de determinar a qualidade do ensino e da aprendizagem e não pelo processo de ajuizamento, determinando a apreciação de valor. No segundo momento, através do trabalho de Souza (1997) são descritos os tipos de avaliação, como se apresentam e a quem se destinam. Finalizando este assunto serão relatados alguns dos instrumentos avaliativos mais usados no ambiente escolar.

#### 3.1. CONCEITO DE AVALIAÇÃO ESCOLAR

A palavra avaliação encontra-se no dicionário como “determinar o valor de” por meio de um processo de apreciação, de ajuizamento ou de análise das características observáveis em pessoas, objetos, fatos ou fenômenos. Luckesi (1998), diz ser juízo de qualidade, a melhor expressão para nomear avaliação escolar, pois a mesma abrange o processo de ensino-aprendizagem, constituídos por sujeitos sociais diferentes. “Avaliar deriva da palavra ‘valer’ que vem do latim *valere* e refere-se a **ter valor, ser válido.**” (BRASIL, 2005, p. 13).

Luckesi (1998) relata ser a avaliação escolar um meio para o sucesso da aprendizagem e não o fim desse processo, cada avaliador deve ter claras as teorias que norteiam sua prática pedagógica e o meio em que esta prática está inserida.

Assim, Luckesi (1998) diz que a conservação e reprodução da sociedade dominante têm na avaliação escolar uma aliada para sua continuidade, isto é possível porque a avaliação educacional tem o papel de classificar, regular e excluir aqueles que se encontram a margem da sociedade. Segundo Vasconcellos:

Ora, entendemos que a questão central da prova, não é o fato de ser escrita ou individual; a nosso ver, o grande nó está em seu caráter de terminalidade, de intransitividade, ou melhor, de irreversibilidade,

qual seja, acaba fossilizando um determinado momento da produção do sujeito (concretizado na nota), não possibilitando a superação, o crescimento, condenando o aluno no futuro (não atingir a “media” para passar, por exemplo), bem como levando a baixa sua auto-estima (VASCONCELLOS, 1998, p. 66).

Para Luckesi (1998), a atividade de avaliar caracteriza-se como um meio que vai ajudar o crescimento, a construção do resultado satisfatório. Um dos objetivos da avaliação é auxiliar a obtenção de resultados satisfatórios. Avaliamos e somos avaliados sempre dentro e fora da escola, tanto formal, como informalmente. Nos afazeres simples e complexos do dia-a-dia, é necessário o processo avaliativo com frequência para tomar decisões visando um melhor resultado.

A avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir seu verdadeiro significado, assumir a função de auxiliar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é que a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos dos educandos, e assuma o papel de ajudar em seu desenvolvimento escolar.

Segundo Hoffmann (1993), os professores devem entender a avaliação como um processo que se utilizam os resultados da aprendizagem e do ensino para seu melhoramento e não ter como função o julgamento do aluno.

O ato de avaliar também exige entrega à construção da experiência satisfatória do educando. O desejo de ver o aluno crescer possibilita ao educador o envolvimento com o processo do educando, estando sempre atento às suas necessidades, tornando claras para si e para o aluno as exigências do crescimento.

### 3.2. TIPOS DE AVALIAÇÃO

Para Sousa (1997), identificam-se duas grandes tendências valorativas de avaliação: a perspectiva somativa/regulatória e a construtiva/emancipatória.

A avaliação somativa/regulatória caracteriza-se por ser classificatória (idéia de hierarquia); competitiva (idéia de concorrência); seletiva (idéia de excelência); padronizadora (idéia de idéia de generalização) e exclusiva. A principal função deste tipo de avaliação é

mostrar os resultados, o quantitativo é um aspecto importante. Os resultados são usados para informar a sociedade sobre os desempenhos obtidos. Nessa perspectiva a avaliação não estar a serviço do aluno, ou seja, as reflexões sobre a ação para reorganizar o processo e melhorar a aprendizagem não fazem parte deste contexto.

A avaliação construtiva/emancipatória caracteriza-se por ser formativa (idéia de processo); compreensiva (idéia de sujeito); histórica (idéia de tempo); temporal (idéia de lugar) e circunstancial (idéia de relatividade). O principal objetivo desta avaliação é a aprendizagem dos sujeitos envolvidos. A função central é a reorganização do processo de ensino aprendizagem a partir dos resultados obtidos. Na avaliação processual o uso da nota não é tão importante, é necessária uma reflexão de todo o processo pedagógico para um resultado justo que leve em consideração o sujeito e sua história.

Para Luckesi (1998) a avaliação que ocorre hoje na educação não ajuda o aluno a permanecer na escola, tampouco o melhoramento da aprendizagem. A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem do aluno, tendo em vista tomar decisões eficientes para que possa avançar no seu processo de aprendizagem, neste contexto Vasconcellos (1998) também concorda que a avaliação deva ser usada para o diagnóstico do aluno, mas para que esta pratica seja válida é preciso oferecer formação e condições de trabalho para o professor, já que esta concepção de avaliação se preocupa em oferecer condições para a formação critica do aluno, habilitando-o a ser um cidadão. Portanto, esta forma de entender, propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação e reprovação dos alunos. Para o autor citado, este é o fundamental para que ela seja diagnóstica.

Assim como o diagnóstico médico estar preocupado com a melhoria da saúde do paciente, também é necessário que a avaliação da aprendizagem esteja preocupada com o crescimento do educando. Caso contrário, não será diagnóstico. Assim o professor poderá, através da avaliação da aprendizagem, verificar o quanto o seu trabalho está sendo eficiente e que mudanças deverão ser feitas. Para o aluno, esta é uma oportunidade de saber em que nível de aprendizagem se encontra e onde e como precisa melhorar.

Luckesi (1998) afirma que a avaliação também deve ser participativa. Isto significa que professores e alunos devem discutir e escolher os instrumentos de avaliação que serão

usados na sala de aula, num processo democrático em que todos os envolvidos têm voz e poder de decisão.

### 3.3. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Segundo Luckesi (1998), a utilização dos instrumentos deve ser adequada ao contexto em que o professor se encontra e ao aluno a quem se destina o ato de avaliar. A avaliação é composta de vários instrumentos. Os mais utilizados no campo educacional são: auto-avaliação, relatório, prova objetiva, prova dissertativa, seminário, trabalho em grupo, debate, análise de desempenho do aluno, ficha de avaliação de problemas e reunião liderada pela equipe pedagógica.

A auto-avaliação se constitui em análise oral ou por escrito, em formato livre, que o aluno faz do próprio processo de aprendizagem, com o objetivo de adquirir capacidade de analisar as próprias aptidões e atitudes, pontos fortes e fracos; o relatório, texto produzido pelo aluno depois de atividades práticas ou projetos temáticos, serve para averiguar se o aluno adquiriu conhecimento e se reconhece estrutura de texto.

A prova objetiva é uma série de perguntas diretas para respostas curtas, com apenas uma solução possível, com o intuito de avaliar o quanto o aluno aprendeu sobre dados singulares e específicos do conteúdo. A prova dissertativa constitui-se de uma série de perguntas que exijam capacidades de estabelecer relações, resumir, analisar e julgar, para verificar a capacidade de analisar o problema central, abstrair fatos, formular idéias e redigi-las.

O seminário caracteriza-se por exposição oral para um público leigo, utilizando a fala e materiais de apoio adequados ao assunto; possibilita a transmissão verbal das informações pesquisadas de forma eficaz. O trabalho em grupo, atividade da natureza diversa (escrita, oral, gráfica, corporal etc.) realizado coletivamente, possibilita desenvolver o espírito colaborativo e a socialização. No debate, as discussões em que os alunos expõem seus pontos de vista a respeito de assunto polêmico preparam o aluno para aprender a defender uma opinião fundamentando-a em argumentos convincentes.

A análise do desempenho do aluno para Luckesi (1998) pode sugerir ao professor informações sobre o desenvolvimento nas áreas afetivas, cognitiva e psicomotora, percebendo como o aluno constrói o conhecimento, seguindo de perto todos os passos desse processo. As fichas de avaliação de problemas trabalham com modelos de fichas de avaliação que podem auxiliar o trabalho do professor. A reunião liderada pela equipe pedagógica compartilha informações sobre a classe e sobre cada aluno para embasar a tomada de decisão, essa atitude favorece a integração entre professores, análise do currículo e a eficácia dos métodos utilizados; facilita a compreensão dos fatos com a exposição dos diversos pontos de vista.

O objetivo deste texto foi apresentar conceitos avaliativos e refletir sobre os tipos e instrumentos de avaliação de maneira mais geral. Foi importante este resgate para esta pesquisa, pois nas entrevistas, questiona-se as professoras suas concepções de avaliação e os instrumentos utilizados por elas; também se faz necessário para análise do conteúdo apresentados na pesquisa.

#### **4. AVALIAÇÃO E DEFICIÊNCIA**

A avaliação é um dos aspectos do ensino-aprendizagem que realizada com o objetivo de ser um instrumento para colaborar com o crescimento do aluno e a qualidade de ensino; torna-se um instrumento de inclusão. Para melhor entender o que seja avaliação inclusiva, é necessário que compreendamos deficiência como “um estilo de vida”.

Diniz (2007) afirma que não aceitar a deficiência como algo anormal é o normal, isto, não significa ignorar que o corpo precisa de reabilitação médica, pois todo ser humano com ou sem deficiência em algum momento da vida vai precisar de tratamento médico, ainda existem aqueles que dependem da medicina diariamente para se manterem vivos. Os avanços da medicina tornam a vida das pessoas com ou sem deficiência melhores em alguns aspectos.

Com muita sensibilidade, a autora citada, declara que afirmar “deficiência como um estilo de vida” não é apenas méritos do avanço da biomedicina, é também de grande importância uma afirmação “ética”, que vai mexer com nossos padrões de normalidade e patologia. “Deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa com deficiência” (id.,bid.p.9).

Dessa forma Diniz (2007) diz que no Brasil a idéia afirmativa de ver a deficiência como um estilo de vida, assim como o negro ou o índio tem seu próprio estilo de vida carregado de diversidade é um aspecto ainda longe de se tornar real, porque a deficiência aqui ainda se encontra presa pelas autoridades biomédicas que não possuem estrutura para avançar em pesquisas e principalmente pelo fato da deficiência ainda ser encarada como uma tragédia pessoal e não como caso de justiça social.

Capellini (2003) reafirma a idéia inclusiva que o aluno com deficiência deve ter garantido seu aprendizado e desenvolvimento, assim como os seus colegas na classe comum. A inclusão é percebida quando a escola favorece a aprendizagem acadêmica tendo como base o desempenho do educando como um aspecto importantíssimo para o processo avaliativo do aluno com deficiência.

... Embora a avaliação de desempenho acadêmico, principalmente a de alunos com necessidades educacionais especiais, ocasione reflexões diversas é importante produzir conhecimento sobre a relação entre inserção de alunos com necessidades educacionais especiais nas séries iniciais e sobre o seu rendimento acadêmico, pois os conhecimentos, habilidades e valores a serem alcançados por esses alunos, inseridos nas turmas de ensino comum devem ser os mesmos propostos para os seus colegas (CAPELLINI.2003.p.40).

Hoffmann (1993) declara que avaliar é preciso, é um aspecto importante para o processo ensino-aprendizagem, porém, com outro olhar, um novo enfoque que negue a seleção, aferição, autoritarismo ou julgamento sem defesa; o que ela pretende e sugere é que a escola entenda as verdadeiras funções da avaliação; em outras palavras avaliar, seja para conhecer e compreender o processo dinâmico da aprendizagem, seja o seu objetivo a melhoria do sistema educativo, deve ter como compromisso desenvolver a inclusão e a cidadania de todos os educandos.

#### 4.1. A PESSOA COM SINDROME DE DOWN

A criança com síndrome de Down (SD) é acometida de uma anomalia cromossômica que pode ser o mosaicismo, a translocação e a mais freqüente, a trissomia homogênea, que implica perturbações de várias ordens: a trissomia homogênea aparece por estarem presentes na célula 47 cromossomos em vez dos 46 que existem numa pessoa normal. Na criança com síndrome de Down, a divisão celular apresenta uma distribuição defeituosa dos cromossomos:

a presença de um cromossomo suplementar, em vez de um no par 21. É por isso que esta síndrome é também chamada de trissomia 21 (VOIVODIC, 2007, p. 39-47).

A síndrome de Down provoca problemas cerebrais, de desenvolvimento físico, fisiológico e de saúde. A maioria das alterações orgânicas acontece durante o desenvolvimento do feto, portanto o diagnóstico pode ser feito no momento do nascimento, o que é uma vantagem, pois permite a estimulação precoce. A aparência física destas crianças apresenta características muito particulares e específicas. A cabeça é menor do que o normal. O nariz é pequeno e com a parte superior achatada. Os olhos são ligeiramente rasgados, as orelhas pequenas. A boca e a língua são ligeiramente pequenas. Os dentes são pequenos e muitas vezes mal formados. O pescoço é tipicamente curto. Geralmente as mãos e os dedos mindinhos podem ser um pouco mais curtos que o normal. Os pés podem apresentar espaços ligeiros entre os dedos. A pele é ligeiramente arroxeadada e seca. Os cabelos são finos, ralos e lisos. Além dessas particularidades, existem outras como: a altura que costuma ser inferior a média, e alguma tendência para a obesidade. Por outro lado, existe maior incidência de certos problemas de saúde, susceptível às infecções, problemas cardíacos, sensoriais, etc. (id., ibid.).

#### 4.2. O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM SINDROME DE DOWN

Quando se observa o desenvolvimento de uma criança com síndrome de Down, pode-se constatar que seu desenvolvimento é mais lento que o de uma criança normal; porém apesar de devagar e mais dependente dos pais, com estimulação precoce e correta, ela é capaz de se desenvolver em todas às etapas e fases da vida. Por causa do amadurecimento constante do seu sistema nervoso central (VOIVODIC, 2007, p, 46), as crianças com síndrome de Down se desenvolvem diariamente; ainda que este processo aconteça mais lentamente, ele será evolutivo em habilidades e inteligências para a vida adulta. Apesar de ser característica da síndrome de Down a lentidão, existe diferenças importantes entre eles. Cada um possui suas particularidades e potencialidades diferentes; seu jeito de ser, de brincar, de se comunicar e seu tempo de aprender. Está a cargo da família e da escola perceber a hora e a forma mais carinhosa e adequada de se aproximar e estimular essas crianças.

### 4.3. A PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN E A ESCOLA

Segundo Voivodic (2007. p. 58-59), o primeiro grupo social da criança é a família. Será através do relacionamento familiar que ela vive sua primeira inserção no mundo e suas primeiras experiências sociais básicas para o desenvolvimento do ser humano, sendo uma educação informal essencial para sua primeira matriz de aprendizagem.

Na criança com síndrome de Down, quando ocorre o amadurecimento e a independência, então ela consegue se comunicar, andar com segurança e se inteirar com o outro, neste momento estará pronta para freqüentar a escola. Para algumas crianças, o ingresso na escola acontece entre três e quatro anos, porém em outros casos pode ocorrer um pouco mais tarde, vai depender do estímulo familiar e do meio em que a criança vive. Para os pais, a entrada do filho na escola é um passo fundamental para a educação formal, sinônimo de transformação do indivíduo. Para a autora citada acima os pais devem estar seguros de que uma classe, mesmo com crianças mais novas fará bem para o seu filho. A partir do ingresso no ambiente escolar ocorrem mudanças na independência das atividades da vida diária, incorrendo em grandes progressos. Nota-se um benefício significativo para aqueles alunos que puderam participar de uma classe comum desde o início de seu aprendizado. As pesquisas mostram que apesar de lenta a criança portadora de síndrome de Down quando estiver na escola possui progressos evidentes.

”Aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar (...), mas estão ligados entre si desde os primeiros dias da vida da criança” (VOIVODIC, 2007, p. 48). Neste sentido, percebe-se que a educação tanto formal quanto informal necessita ser parceiras para o pleno desenvolvimento e transformação do indivíduo, provendo condições reais para que o aluno com síndrome de Down tenha pleno crescimento intelectual, físico e espiritual e seja um indivíduo completo e com possibilidades inclusivas.



### 4.3. A AVALIAÇÃO ESCOLAR DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN

Neste capítulo, considero a questão da avaliação do aluno com necessidades educacionais especiais, mas especificamente do aluno com síndrome de Down, nos contextos da educação inclusiva.

Segundo Voivodic (2007, p. 58-65), a educação formal é um processo imprescindível na educação de todas as pessoas e tem como objetivo primeiro que os alunos “aprendam a aprender”, ou seja, saibam pesquisar e aprendam também onde e como encontrar as informações de que precisam. Sendo essa meta para qualquer criança, ela possui muito mais importância para o aluno com síndrome de Down, já que esses alunos são incapazes de regular os processos de aprendizagem por si mesmo.

Historicamente (id., *ibid*, p.58) durante as décadas de 50 e 60, a solução para a educação de crianças com deficiência foram as classes especiais ou centros educacionais específicos; naquele momento achava-se que as crianças com deficiência mental não aprendiam em classes regulares, com crianças da mesma idade; supunha-se também que as crianças sem nenhuma deficiência seriam prejudicadas pelos alunos com atraso mental, infelizmente, hoje ainda existem essas classes, apesar do avanço para uma escola inclusiva.

Essas idéias mais tarde foram desmistificadas, através de pesquisas que comprovaram ser a inclusão desses alunos em escolas regulares um ganho para o aluno com deficiência mental, na linguagem, na interação social e no cognitivo, assim como para os alunos sem deficiência, que puderam experimentar situações interativas importante para seu desenvolvimento social. O objetivo das classes especiais era levar os alunos com deficiência mental às mesmas metas da escola regular, assegurar completa capacitação, prepará-los uma vida social independente através dos conhecimentos e habilidades adquiridos. Porém as práticas pedagógicas e técnicas eram diferentes e as classes eram homogêneas, compostas apenas por crianças com atraso mental.

Não se pode negar que a escola especial contribuiu para a educação de crianças com deficiência, quando mostrou que toda criança, mesmo com atraso mental grave, pode ser educada e aprender. Também foi importante na disseminação de programas de

desenvolvimento individual e técnicas especializadas para o trabalho com alunos com deficiência.

No entanto, as limitações da escola especial logo foram evidenciadas, quando não atingiu as metas a que se propunha, tendo os mesmos objetivos da escola regular; de formar adultos independentes, capazes de se desenvolverem na sociedade com autonomia, ainda possuía o caráter de segregação e discriminação de um grupo, sendo este um impedimento para inserção social futura.

Com essas descobertas no século xx, a partir dos anos 90, aumentou a tendência de que crianças com deficiência frequentassem classes comuns em escolas regulares, possibilitando que crianças com e sem deficiência aprendessem juntas, em classes heterogêneas com crianças da mesma faixa etária. Esse foi um grande passo para a educação inclusiva e a diminuição da discriminação.

Segundo Melero (*apud* VOIVODIC, 2007, p. 61), para a educação da criança com deficiência, especificamente com síndrome de Down, é necessária uma adaptação curricular, o uso de recursos especiais e ainda acompanhamento cuidadoso dos professores e pais. A educação do aluno com síndrome de Down para ser favorecida é necessário o trabalho com os processos cognitivos; memória, atenção, percepção além da organização dos processos mentais. Também se constatou que o aprendizado do aluno com síndrome de Down é semelhante aos de alunos normais, não sendo necessárias mudanças drásticas nos conteúdos que podem ser parecidos; o que deve ser diferente é a estratégia, a forma como a informação deve ser apresentada para o aluno.

Gaio e Meneghetti (2004, p. 85-87) defendem mudanças na avaliação do desempenho escolar para que esta tenha a característica de uma educação que permita a inclusão de todos. Que haja mudanças nos sistemas escolares que ainda usam atividades pré-definidas, onde se espera dos alunos as mesmas respostas. Nesse modelo, a educação é considerada um objeto concreto como se fosse uma produção industrial, o que certamente se constitui em obstáculo para a escola inclusiva. Para esses autores, a avaliação não pode ser medida como se faz com um tecido ou reduzida a números e conceitos, pois aquele que está sendo avaliado é único, subjetivo, diverso, capaz de criar e mudar o meio em que vive. Diante de tanta complexidade, a avaliação precisa adaptar-se a cada indivíduo segundo suas necessidades:

[...] Na perspectiva de um ensino para todos aberto às diferenças, avaliamos a aprendizagem pelo percurso do aluno no decorrer do curso. Levamos em conta o que ele é capaz de fazer para ultrapassar suas dificuldades, construir os conhecimentos, tratar informações, organizar seu trabalho e participar ativamente da vida escolar, consideramos o sucesso do aluno a partir dos seus avanços em todos os aspectos de seus desenvolvimentos. (GAIO e MENEGHETTI, 2007, p. 86).

A avaliação do ensino (id., *ibid.*p.86) deve ser realizada pelo que o professor conhece do seu aluno, pela capacidade de diversificar as práticas pedagógicas para se adequar às necessidades e particularidades de cada indivíduo.

Já Beyer (2005) nos lembra que nas situações formais e informais, avaliamos e somos avaliados diariamente:

[...] Toda avaliação é circular, englobando todos os sujeitos envolvidos no processo de, ensinar na escola. Ninguém é ou deve se arvorar Juiz dos outro, porém é função dos professores assumirem plenamente sua posição de promotores de aprendizagem dos alunos, e, para isto, analisar todos os fatores implicados no sucesso ou na dificuldade da sua aprendizagem, perguntando-se constantemente: fiz o suficiente para que meus alunos aprendam? Qual minha cota de responsabilidade para seu sucesso ou fracasso escolar? (p. 102).

Para o autor acima, assumir a posição de promotor da aprendizagem do aluno é passo fundamental para o educador praticar uma avaliação justa e equilibrada, em que todos os participantes do processo; equipe pedagógica, gestora e família, também se apresentem como co-responsáveis pela a aprendizagem do aluno. Esse passo é imprescindível para a escola que se diz inclusiva, preocupada em garantir a aprendizagem para todos os alunos, contando com as diferenças que cada indivíduo possui.

O capítulo tratou da avaliação e deficiência no contexto da inclusão dos alunos com deficiência na escola regular tendo seus direitos de estar, participar e aprender garantidos na prática. Especificamente, falei da aprendizagem e avaliação do aluno com síndrome de Down, segundo Voivodic (2007), a aprendizagem do aluno com deficiência é um desenvolvimento lento, mas sempre possível de ocorrer. Para melhor fazer a avaliação do aluno com síndrome de Down devem-se levar em consideração os aspectos cognitivos da criança (memória, atenção e percepção). Esses processos de alguma forma são afetados nas crianças com essa síndrome, o que deve levar o professor a procurar estratégias específicas e programas inovadores para garantir tanto o aprendizado quanto a avaliação adequada desses alunos.

## 5. AS VOZES DAS PROFESSORAS DA APAE/MARABÁ: COMO SE DÁ A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN?

A seguir apresento os resultados e a discussão dos dados obtidos com os professores da APAE/MARABÁ e, as semelhanças e diferenças entre as concepções e práticas da avaliação escolar de aluno com síndrome de Down.

Elaborei quatro agrupamentos de sentido nas falas das professoras, que, foram nomeados como: 1) **concepção de avaliação**, em que aparecem o entendimento que o professor expressa sobre avaliação educacional e como esta ação pode ser inclusiva; 2) **os instrumentos avaliativos** usados, em que o falante descreve os instrumentos que usa e como o faz; 3) **flexibilidade** e criatividade no ato avaliativo, no qual o entrevistado descreve com exemplos sua flexibilidade e criatividade no avaliar; 4) **a expectativa do professor** em relação em aprendizado do aluno.

Antes de continuar, mostra-se necessário definir a terminologia utilizada, dada a diversidade de autores que nomeiam deficiência; neste trabalho foi feita a opção de Diniz (2007):

[...] Será dito “pessoa com deficiência”, assumindo a sua condição de sujeito inteiro, e sua deficiência construída socialmente, mas a ela imposta [...]; quando a limitação for específica dir-se-á pessoa cega, pessoa muda, etc. Quando se trata de uma deficiência educacional diremos dessa necessidade educacional especial, entendendo não como característica da pessoa, mas do coletivo que deseja educada, que entende como fundamental (para todos) sua inclusão em relações sociais e educativas menos discriminatórias (DINIZ.2007.p,15 e 16).

A organização do material coletado em entrevistas e conversas com os professores que atuam no município de Marabá na instituição APAE, apontam quatro linhas de sentido: concepção de avaliação, instrumentos utilizados, flexibilidade e criatividade e expectativa quanto à aprendizagem do aluno com síndrome de Down, essas quatro linhas de sentido são descritos nos subtópicos a seguir.

## 5.1 AS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DAS PROFESSORAS

Nas falas abaixo, analiso a concepção de avaliação das professoras da APAE/Marabá, observando o quanto suas concepções se aproximam dos tipos de avaliação utilizando os conceitos de Luckesi (1998), Hoffmann (1993) e Sousa (1997): somativa/regulatória, construtiva/emancipatória e diagnóstica.

A avaliação da aprendizagem para o professor é uma ferramenta imprescindível no sucesso do ensino e da aprendizagem, é um processo natural, que nos permite ter consciência do que fazemos, da qualidade do que realizamos e das conseqüências que acarretam nossas ações. Refletindo sobre nossas ações avaliativas, deve-se perguntar; a serviço de que ou quem esta a minha avaliação? Deve estar a serviço do aluno e de sua aprendizagem, para que seja um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão (LUCKESI,1998).

A primeira categoria usada para analisar as falas das professoras é a concepção de avaliação **somativa/regulatória**, que se caracteriza por ser classificatória, competitiva, seletiva, padronizadora e exclusiva. Esse tipo de avaliação constitui-se em provas e exames, são instrumentos de seleção e classificação que não contribuem para a qualidade do aprendizado nem para o acesso de todos no sistema de ensino. Ao falar sobre avaliação somativa/regulatória, ou como dizem as professoras, avaliação tradicional, em todas as entrevistas analisadas, as educadoras sugerem em suas falas que suas concepções de avaliação não são seletivas nem excludentes e sim construtivas e diagnósticas; afirmam que seus processos e instrumentos de avaliar promovem a inclusão e o melhoramento da aprendizagem do aluno.

A segunda categoria de análise baseia-se na avaliação **construtiva/emancipatória**; que entendendo um pouco melhor se estabelece sobre a compreensão de que a avaliação é formativa, compreensiva, histórica, temporal e circunstancial, isto significa dizer que esse tipo de avaliação tem por objetivo controlar o processo de aprendizagem do aluno durante todo o ano letivo, fornecendo *feed back*, identificando deficiências durante o processo. É compreensiva e histórica porque leva em consideração a subjetividade e a história de cada aluno com todos os seus problemas e limitações Também se pode dizer que é circunstancial, porque é maleável às dificuldades diárias e temporais e porque é necessária a qualquer tempo,

ou seja, é uma avaliação que esta atenta a todos os aspectos da vida do aluno. Baseado nas falas da professoras L. e M..

[...] depende da forma como avaliar. Se for no método ne antigo... e... ela... se seguisse aquele ritmo ne... ela... não é proveitosa, mas se for inovadora sim..." (Profª. L.p.2. ls,64 - 66).

[...] Eu acho diferente porque o professor tem que ser diferente eu penso assim cada um dos é um aluno, então cada uma das avaliações é uma avaliação, cada um aluno é um jeito diferente de avaliar entendeu?... com um escrito o que tem condições, com o que não é escrito é visual, trabalho visual entendeu, cada um a seu jeito a avaliação é feita..." (Profª. M. p.1.ls, 25 à-30).

Na fala da professora L. percebo que ela julga sua concepção de avaliação inovadora, quando critica o método tradicional de avaliar, afirmando não ser proveitoso, ou seja, com pouca eficiência para melhorar o aprendizado do aluno. A professora M. em sua fala insiste em esclarecer a individualidade da avaliação, a necessidade que existe do professor ter consciência que a avaliação deve estar a serviço do melhoramento da aprendizagem de cada aluno, Hoffmann concordaria que cada indivíduo aprende diferente e deve ser avaliado da mesma forma:

[...] Assim como as crianças tem diferentes histórias de experiências gerais. Assim também devem ter diferentes historias de experiências sociais ou interações sociais. Essa historia individual de interações sem duvida contribui para as diferenças individuais. [...] Mesmo com os gêmeos idênticos educados na mesma família não se pode assumir que eles vivenciaram as mesmas expectativas. (WADSWORT *apud* HOFFMANN 1993, p.53).

A professora R. através de sua entrevista permite o entendimento de que a avaliação pode trilhar dois caminhos, segundo ela, tanto pode incluir quanto excluir:

[...] Bom, avaliação ela é muito complicada de falar dela, porque ela tem o poder de incluir e excluir entendeu? Vivemos em um momento ou sempre vivemos em que se vê muita quantidade e não qualidade, então devido a isso ne... fala-se muito em avaliação diária, mas com frequência o que se vê no final de todos os semestres é aquela avaliação que exige nota e isso as vezes... isso tem assim um potencial muito grande de as vezes podar, entendeu? Aquele aluno porque no dia o professor aplica uma avaliação pro aluno e ele não esta no melhor dia dele, então com certeza nesse dia esse aluno vai ter muito a perder, então como é que se fala tanto em avaliação diária, mas quando chega em determinado momento eles cobram essa avaliação que exige nota ne... então ai... a gente vê mais um processo de exclusão, entendeu? Então, a avaliação tanto inclui quanto exclui pra mim, ne..." (Profª R.p.3/4.ls, 81-94).

Baseado nas falas da professora R nota-se, ser para ela, um tema espinhoso e delicado, que tanto pode incluir o aluno ou excluí-lo. Em sua fala nitidamente pode-se observar que a mesma faz críticas a avaliação realizada na instituição de ensino em que trabalha, quando se refere que o discurso é renovador, mas a ação essa sim é somativa/regulatória. Quando chega o final do semestre é cobrado “uma avaliação que exige nota”, para ela essa é uma prática excludente que não prioriza o melhor aprendizado para o aluno, ademais essas dimensões são pouco favoráveis à aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais.

As professoras L e relatam em suas entrevistas a concepção de **avaliação diagnóstica**, que por sua vez constitui em avaliar como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem; neste caso, a avaliação não seria tão somente um instrumento para aprovação ou reprovação dos alunos, mas um auxílio da aprendizagem. E para (Luckesi, 1998), esta deve ter um caráter participativo.

Segundo as professoras L. e E.:

[...] Não porque você faz uma avaliação escrita e não deu certo... mas a oral ela da... ai você não vai excluir porque ela não deu certo naquele papel, você vai ter que avaliar o que aprendeu de qual forma... você vai tentar descobrir o que ele aprendeu ou não de qualquer forma... se não acha você vai ter que dá seu jeito. Mas eu acho que a avaliação escrita não tem nada a ver... sabendo responder, não tem nada a ver não.. ( Profª. L. p.4. ls, 104 -112).

[...] eu acho que é de incluir porque a medida que a gente vai tomando, a gente vai avaliando o aluno com os objetivos, então com os objetivos em que cada um esta sendo observado a sua deficiência a sua dificuldade, eu acho que isso é inclusão porque até para o professor mais tarde, ou na, logo em seguida ele pode ver aonde ele vai melhorar, o professor né, aonde ele pode continuar e aonde ele pode estar melhorando, então é pra isso que eu acho que serve a avaliação e pra mim ela é a forma que a gente avalia é inclusiva... ( Profª.E. p.3. ls, 70 -77).

A fala da professora L. nos sugere a avaliação de caráter diagnóstico quando permite que o professor descubra o que o aluno aprendeu ou não, sendo este instrumento, uma ferramenta valiosa para refleti-lo e melhorar do fazer pedagógico. Considerando a fala da professora E, pode-se entender do seu discurso que a mesma percebe a avaliação como diagnóstica, como um auxílio para o professor quando ele pode avaliar sua prática e melhorar, com o intuito de incluir o aluno tendo como objetivo o sucesso do mesmo. A avaliação é constituída de instrumentos de diagnóstico, que levam a uma intervenção visando a melhoria da aprendizagem. Se ela for obtida, o estudante será sempre aprovado, por ter adquirido os conhecimentos e habilidades necessários. A avaliação deve ser inclusiva porque o estudante

vai ser ajudado a dar um passo à frente. Essa concepção político-pedagógica, é para todos os alunos e pelo mesmo lado é um ato dialógico, que implica necessariamente uma negociação entre o professor e o estudante.

A avaliação sempre deve estar a serviço do aluno. Isso significa que ela não tem como objetivo determinar as notas a serem enviadas à secretaria, mas acompanhar o caminho que o aluno faz, descobrir suas dificuldades e necessidades e alterar os rumos, se preciso. Em qualquer situação o importante é a garantia da aprendizagem. A avaliação é semelhante a um percurso e seu papel não é esperar os alunos no final, mas ajudá-los a ultrapassar os obstáculos do caminho.

## 5.2. OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Nas falas analisadas, foram agrupadas cinco categorias, que retratam sobre os instrumentos utilizados pelas professoras, a escolha e uso dos instrumentos avaliativos para o professor são importantes para ser possíveis novas tomadas de decisões para o melhoramento do ensino aprendizagem, levando sempre em consideração as necessidades específicas de cada aluno, a garantia da inclusão que não é apenas está na escola, mas aprender e se desenvolver como um todo.

Ao falar sobre o **relatório** fica claro nas falas a preocupação em mudar de instrumentos para melhor avaliar o aluno como diz a entrevistada:

[...] Porque a gente sempre tem que tá mudando né, aí eu fiz, tentei fazer escrita né a gente faz relatório né... (Prof<sup>a</sup>.F.p.II, LS 38-39).

[...] O meu instrumento de avaliação primeiro é a observação e o registro diário desses alunos... (Prof<sup>a</sup>. R. p. II LS 43-44).

O relatório é um instrumento imprescindível para o professor na avaliação inclusiva do aluno com deficiência, pois se trata de uma ferramenta que permite ao mesmo tempo, subsídio para reflexão de sua prática e ter o registro claro das necessidades e avanços de cada aluno e de toda a turma.

[...] O registro é um recurso importante para o professor, pois não tem condições de “guardar de cabeça” todas as manifestações significativas de todos os alunos, sendo um excelente material no processo de reflexão sobre a prática, a fim de ter elementos mais objetivos para poder captar as necessidades de cada um e do conjunto de alunos. Em termos de conteúdo, o



registro pode contemplar o processo de desenvolvimento do aluno, bem como as mediações que o professor está tendo (suas iniciativas, estratégias adotadas, etc.). Seria importante lembrar, todavia, que o registro (que depois pode servir de base para a elaboração do relatório ou parecer descritivo) deve ser assumido, antes de tudo como instrumento de trabalho do professor (identificar necessidades do aluno e buscar estratégias de superação) e não “para os pais” ou “para coordenação (VASCONCELLOS, 1998,p.53)

O ato avaliativo é fundamental para a escola inclusiva, porque é a partir da prática do professor (reflexão/ação) que o aluno deficiente pode estar inserido na sala de aula e ter garantido o seu direito de aprender e fazer parte do processo como um todo. Segundo Gaio e Meneghetti (2004), na avaliação do aluno com deficiência, notas e conceitos podem ficar em segundo plano ou mesmo ser descartados, porque o registro fiel do rendimento do aluno ao longo de sua caminhada escolar é o que realmente importa. Os registros são feitos de dados que facilitam o trabalho do professor atuante para que perceba avanços e dificuldades do aluno e possa partir para mudanças necessárias para garantir o aprendizado do aluno; torna-se um dossiê a partir do qual o próximo professor que receberá este aluno terá elementos claros e minuciosos para planejar seu trabalho da forma mais produtiva possível.

O segundo instrumento é a **prova oral e escrita**; analisando as falas dos professores observa-se que em sua maioria utilizam com frequência a prova oral ou escrita como instrumento avaliado.

[...] Pergunta oral que mais oral é melhor, porque a oral a gente vê como eles assimila melhor (Profª.L, p.II, LS. 64-65).

[...] Uso atividade escrita para aquele que eu vejo tem condições de escrita... (Profª. M. p, I LS 32-33).

[...] Eu faço por atividades escritas mesmo, faço algumas atividades escritas né...(Profª. L2. p.1 LS 4-5)

Nota-se nas falas de L, M E L2 que o uso da prova oral e escrita são instrumentos de uso freqüente desses professores. Como diz a professora L “... oral é melhor, porque a gente vê como eles assimilam melhor...”. Talvez neste caso da avaliação do aluno com síndrome de Down, e tendo que observar a situação de deficiência que este se encontra no momento da avaliação, este instrumento seja o mais adequado, ou como relata a professora seja “melhor,” em alguns casos, o aluno não possui condições físicas para escrever (coordenação motora, muscular, equilíbrio, atrofiamento de membros, etc.). Nestes casos a avaliação oral talvez seja sim a que consiga avaliar justamente os avanços ou dificuldades do aprendizado desse aluno.

Diante das falas dos professores discordando no que diz respeito a provas e suas reais funções, Vasconcellos pergunta, seria a prova um bom instrumento de avaliação? Segundo ele:

[...] O que preocupa é o uso que historicamente tens havido da prova, qual seja, a prova tem sido a forma de concretizar a avaliação como simples classificação. Ao invés de esta avaliando o e no processo, o professor passa a avaliar apenas o aluno e em alguns momentos: não garantindo a aprendizagem, pois não há integração, acompanhamento - “recuperação” – no processo (VASCONCELLOS, 1998, p. 65).

Ou seja, vai depender do objetivo que se tem e do uso que se fará do instrumento, se classificatória, se excludente ou de inclusão; todo direcionamento do instrumento dependerá do objetivo que se quer dele.

Recordando a indagação de Vasconcellos, se a prova seria um bom instrumento de avaliação e a fala da professora L de que “oral é melhor, porque permite vê se a criança assimilou”, certamente que a escola inclusiva que hoje muito se fala é uma escola para atender a todas as crianças sem nenhuma distinção ou exceção, mas considerando Beyer:

[...] Esta é uma proposta reducionista e ingênua de integração escolar, pois como aprendem ler as crianças com síndrome de Down, autismo ou deficiência sensorial, todas elas necessitam de uma pedagogia diferenciada para que avancem em sua aprendizagem e tenham sucesso (BEYER, 2005, p. 62).

Neste sentido a professora L tem razão, deve lançar mão de todos os instrumentos que melhor avaliem seu aluno, que lhe dê condições de visualizar o que o aluno aprendeu ou o que não conseguiu avançar, o importante e necessário é que o professor saiba compreender e incluir o aluno independente de suas limitações tendo capacidade pedagógica para trabalhar com cada uma diversificando sua prática segundo as necessidades apresentadas.

O terceiro instrumento que foi relatado é o **portfólio** que como procedimento e instrumento de avaliação da aprendizagem consistem, basicamente em uma coleção dinâmica de trabalhos diversificados (relatórios, testes, trabalhos de casa, reflexões...), produzidos em um determinado período de tempo, numa ou em diversas disciplinas, por cada aluno ou grupos de alunos. A professora I usa esse tipo de instrumento, como diz, “... fazer através de portfólio aqui que são os dados das crianças...” (Profª. I, p. 5 IS. 123 - 125).

O instrumento avaliativo deve permitir ao professor captar a complexidade da aprendizagem, ser dinâmico, processual, participativo e reflexivo. Neste sentido a professora I tem um bom instrumento nas mãos para garantir a inclusão de fato de seus alunos permitindo aos mesmos o estarem na escola, participar, aprender e se desenvolver segundo suas limitações e suas possibilidades que por sua vez são específicas e própria de cada indivíduo.

.O instrumento avaliativo **observação/avaliação continuada** esta presente nas falas das professoras L, I, R, L2, IL e R, vejamos:

[...] Transparência e observação... (Profª. L. p. 2, ls.54).

[...] Bem, como eu já te falei a gente observa muito o aluno, pois esse é o principal..." (Profª. E. p.2, ls 37 - 41).

[...] Todos os dias tem uma observação... ( Profª. I. p. 3, ls.72 - 74).

[...] O meu instrumento de avaliação primeiro é a observação, o registro diariamente desse aluno... (Profª. R.p.2, ls. 43-44).

[...] Pra avaliar (também, mas pra avaliar eu uso a observação e tal né... (Profª. L2. p.2, ls34-36)

[...] Olha a minha avaliaçãozinha é mais é na observação..." (Profª. IL. P. 3, ls. 85).

A avaliação processual, também conhecida pelos professores como avaliação continuada ou diária, é importante; segundo Vasconcellos, esta tem contribuído para a diminuição da avaliação formal e seletiva mostrando-se mais inclusiva quando avalia o aprendizado do aluno durante o processo, também melhora as chances dessa avaliação ser usada para a mudança de estratégias no ensino ou na aprendizagem. (VASCONCELLOS, 1996, p.53).

Nesta fala da professora R, aparece nitidamente o seu esforço em lançar mão do instrumento avaliativo processual, por entender que em uma sala com alunos com diversas deficiências, como é o caso da APAE/Marabá, a avaliação necessita garantir a observação a constatação e a evolução do aprendizado diário para que todos possam ser avaliados com justiça apesar de suas limitações, neste caso este instrumento; é uma boa escolha pedagógica pois seu uso permite alcançar a todos, com autonomia para que durante o processo aconteça a auto- avaliação muito necessária para o acontecimento da educação inclusiva.

O quinto instrumento de avaliação analisado é o **de trabalho em grupo**, Vasconcellos acrescenta em seus estudos sobre a avaliação em grupo:

[...] Esse tipo de prática é interessante visto que a avaliação tipo prova individual revela o passado àquilo que se estruturou no sujeito, não dando conta de avaliar, aquilo que está em desenvolvimento, em processo de vir a ser, que poderia desabrochar na interação com os colegas, com o professor através de atividades de outro tipo. A observação da atividade permite ao professor uma análise mais tendencial e não tanto momentânea (VASCONCELLOS. 1996. P. 55).

Percebo na fala da professora IL “... Faço trabalho em grupo com eles porque eles são pequenos...” (Prof. IL. P. 3, ls.86 á 91), que o trabalho em grupo é necessário, para desenvolver na criança a socialização e o trabalho em conjunto Neste sentido, Beyer afirma, citando Vygotsky, que a avaliação em grupo permite o uso da abordagem da zona de desenvolvimento proximal, que estabelece uma demarcação paradigmática de avaliação em que se buscam as condições cognitivas emergentes, a partir dessa concepção a avaliação deve ser pautada pela possibilidade da superação (BEYER, 2005, p.96)

A professora F diz: “... Já tentei fazer em dupla e agora ultimamente eu to fazendo assim, trabalho em grupo...” (Prof. F. p.2, ls.37). Essa professora percebe a necessidade de mudar para melhor avaliar, por isso experimentou o trabalho em dupla e depois em grupo para garantir que todos sejam alcançados. O trabalho em grupo é uma ótima oportunidade de se aprender a vida socialmente, o estar com o outro, aprender com suas experiências e saberes são oportunidades ímpares que nos permite o crescimento social. Zazzo acrescentaria que:

[...] O grupo é indispensável à criança não só para sua aprendizagem social, mas para o desenvolvimento da sua personalidade e para consciência que pode tomar dela. É colocada pelo grupo entre duas exigências opostas. Por um lado filiação ao grupo no seu conjunto, senão o grupo perde a sua qualidade de grupo. Deve, portanto, assimilar o seu caso ao de todos os outros participantes; deve identificar-se ela mesma com o grupo em sua totalidade; indivíduos, interesses, aspirações (ZAZZO, 1979, p. 172).

Ao iniciar esta pesquisa imaginei que, ao procurar uma instituição com bastante experiência (como a APAE/Marábá) no fazer pedagógico de crianças com necessidades especiais encontraria a solução para os problemas em avaliação do aluno com síndrome de Down. A pesquisadora teve muitas expectativas em encontrar receitas prontas, no entanto, quando inserida no grupo, participando do processo, constatou que não existem receitas prontas para a educação, o que ocorre nesta escola pesquisada é que os professores possuem formação, conhecimento e experiência no trabalho avaliativo de crianças com deficiência,

contudo ainda possuem dúvidas, erram em algum momento, pois o erro faz parte do fazer pedagógico de todo professor, promove a reflexão para o acerto. O importante é buscar melhorar sempre, é ter como objetivo principal a possibilidade da superação e ter em mente que no processo avaliativo em que todos estão envolvidos cada um possui suas responsabilidades.

A escolha dos instrumentos avaliativos está relacionada aos objetivos de aprendizagem que se busca, às competências e habilidades que se deseja desenvolver e avaliar, pois os instrumentos precisam ser adequados a objetivos determinados a serem eficientes em sua colaboração. Assim como os objetivos de aprendizagem são diversos, havendo aqueles mais voltados aos conteúdos cognitivos, outros aos procedimentais e outros aos atitudinais. Ao avaliar deve-se observar esses aspectos.

Precisamos analisar os resultados da avaliação para uma revisão do processo de ensino aprendizagem desde o planejamento até a avaliação, essa análise permite uma nova tomada de decisão esse é o objetivo da avaliação, analisar e melhorar.

### 5.3 FLEXIBILIDADE E CRIATIVIDADE

Analisaremos nas falas dos professores duas categorias onde aparecem nitidamente os motivos ligados ao planejamento flexível dos instrumentos de avaliação e a criatividade no uso e produção desses instrumentos avaliativos usados pelos professores da APAE/Marabá, no seu fazer pedagógico com alunos portadores de síndrome de Down e diversas outras deficiências. Segundo Luckesi (1998), os seres humanos agem para construir algum resultado e, portanto podem fazer isso de duas maneiras; a primeira pode ser planejada, agir com intencionalidade, estabelecer metas e segui-las até seu resultado. A segunda maneira é agir aleatoriamente, sem ter clareza de onde se quer chegar. Para este autor, o planejamento é o ato que permite fazer, “o realizar” e a avaliação dá condições de verificar o que se estar realizando, neste sentido:

[...] A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar; por isso contribui em todo o processo da ação planejada. A avaliação se faz presente não só na identificação da perspectiva político-social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua construção. Ou seja, a avaliação como crítica do percurso, é uma ferramenta necessária

ao ser humano no processo de construção dos resultados que planejou produzir, assim como o é no redimensionamento da direção da ação. A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte do seu modo de agir e, por isso, é necessária que seja usada da melhor forma possível... (LUCKESI, 1998, p. 118 - 119).

As falas a respeito de flexibilidade no ato da avaliação sugerem que o planejamento da avaliação precisa ser flexível, adaptado, repensado para que o “todos” da escola inclusiva caibam dentro das subjetividades e necessidades especiais que cada indivíduo comporta, como dizem as entrevistadas:

[...] a gente planeja ne, mas o nosso planejamento é flexível e geralmente quando a gente vem para sala de aula que a gente planeja uma coisa, quando chega não dá certo imediatamente a... gente vai se transformando claro, vamos vamos nos adequando segundo o nível de cada criança... (Prof. E. p.2, ls 45 - 48).

[...] é já ocorreu sim o caso de planejar uma aula e chegar na sala de aula e ter que mudar toda a estratégia porque... porque... em geral o que ocorre aqui na APAE é que você tem que trabalhar com...de acordo com o trabalho tem que ser interessante pro aluno né... ( Profª. R. p.2, ls 45 - 48).

Na fala da professora L., ela sugere a idéia de que seu planejamento e avaliação são flexíveis, contudo, sua fala nos indicam que quando precisamos alterar toda nossa estratégia de trabalho, pode ser um indicativo de que precisa um maior conhecimento do aluno para apresenta-lhes conteúdos significativos. Por outro lado também nota-se a angústia dessa educadora em não conseguir expor a sua experiência praticada para o esclarecimento do planejamento que inclui, certamente seria aquele que compreende as dificuldades de aprendizagem de cada aluno seja retrocedendo, avançando ou mudando as estratégias, mas sempre objetivando o sucesso da criança. Neste conflito, a professora questiona:

[...] (olha) todo dia... e isso quero questionar... eu questiono assim, todo dia que ela pede, ah! O plano de aula... eu sei que tem que ter um plano de aula , só colega, que o plano de aula é flexível. Na turma que nós estamos eu não vou fazer um plano de aula semanal, meu plano de aula de aula é dia- a- dia, porque está com um plano de aula semanal eu (furo) ele todinho, porque eu penso aplicar aquilo ali...chega aqui não dá certo... ai eu tenho que pegar por onde eles (as crianças) querem, do jeitinho deles... ai que eu vou mudar de estratégia...e trabalhar para conseguir o que você quer...(Prof. L.p3, ls 73à 81).

Hoffmann (1993), considerando a avaliação como postura de vida, constatou em seus cursos de formação ou em reuniões de escolas o professor quase nunca é levado a falar suas opiniões, situações vividas e relatos de sua prática, geralmente o que fazem é burocraticamente e quando vão a cursos com especialistas ficam mudos a espera de soluções,

mas não compartilham suas ricas experiências, iniciativas significativas importantes. Segundo ele, os profissionais da educação são os mais resistentes em discutir descobertas dos colegas e expor suas próprias. Contudo, falar e ouvir é preciso: “... O resgate do cotidiano, em avaliação, exige, portanto um tempo de “deixar falar”, tempo de relatar situações, contar estórias, sem a delimitação de objetivos previamente estabelecidos, temas “a priori”, determinados, análises críticas imediatamente feitas...” (HOFFMANN, 1993, p.181 - 182). Essa afirmação da autora defende uma postura de abertura dos grupos às discussões, também, respeito ao professor na realização do seu trabalho e conseqüentemente consideração pela sua vasta experiência. (id., ibid.p.182). Observando as falas das professoras L e L2:

[...] não é porque você faz uma avaliação escrita não deu certo... mas a oral ela dá... ai você não vai excluir porque ele não acertou naquele papel... você vai ter que avaliar o que aprendeu de qualquer forma... se não achar você vai ter que dá seu jeito. Mas eu acho que a avaliação escrita não tem nada a ver não... (Profª. L. p.4, ls104-111).

[...] é... eu avalio assim dessa maneira, através da observação e de várias outras coisas e pra ensinar também, pra ensinar a gente vai dependendo trabalhando valores ne... sistema financeiro vamos comprar alguma, alguma coisa, explico direitinho aqui ai vamos comprar pra ver se através daquele... daquela compra ele vai comprar direito aquele material, é uma forma de avaliação... eu to avaliando... eu ensinei... expliquei, oh! Esse dinheiro dá pra comprar isso... isso... e isso... cinquenta centavos dá pra comprar uma balinha ne... ai vamos ver quanto é o pirulito, ai nós vamos... ai nós vamos... saímos da escola vamos lá na vendinha, o certo é que eles consigam comprar, é um processo de avaliação diferente...” (Profª. L2.p.2, ls58 - 68).

Aqui posso observar que a professora descreve as próprias práticas como flexíveis e construídas através das experiências vivenciadas; isso pode garantir um melhor aprendizado do aluno, considerando que toda criança aprende, apesar de suas limitações variadas, cada um aprende ao seu modo e aquilo que significativo para sua vida. Para o aluno com deficiência, o aprendizado mais importante e necessário pode não ser ciência, português ou matemática; pode ser usar o banheiro com independência, comer sozinho, atravessar a rua, ir á venda comprar alguma coisa, etc. Considerando Stainback e Stainback:

[...] Quando se discute o que os alunos devem aprender, devem-se tomar cuidado para não enfatizar em excesso interesses curriculares pré-definidos. Embora aprender habilidades da escola, da vida diária e vocacionais sejam importantes, estes não são os únicos ou principais objetivos dos alunos com deficiência estando inseridos na escola...(STAINBACK e STAINBACK,1999, p, 233).

O segundo agrupamento procura juntar elementos que mostrem a criatividade no uso e produção dos instrumentos avaliativos utilizados pelos professores da APAE/Marabá. Percebe-se nas falas das professoras que eles tentam mostrar, através dos relatos de suas experiências, que as suas práticas de criar instrumentos são competentes para avaliar alunos que não conseguem acompanhar o ritmo da turma. A escola que propaga o seu compromisso de instituição democrática e inclusiva deve lançar mão de todas as possibilidades na busca de ajudar o aluno a aprender, para tanto, a escola e professores precisam abrir novas alternativas e ampliar seu universo de possibilidades. Como aconselha Vasconcellos (1998): “... É necessário analisar até que ponto é problema de aprendizagem do aluno ou de “ensinagem” da escola...”.

Baseando-se nestas falas:

[...] aconteceu aqui na oficina foi com a confecção de flores ne... que nós sonhamos eu com a outra professora de que os meninos iam conseguir fazer, muitos conseguiram, mas teve uma criança que não conseguiu, mas nós descobrimos que ela tinha talento de enrolar o talo da flor, então no relatório nós observamos e citamos isso ai que foi muito importante para nós que a flor... que a flor ele não conseguiu fazer, mas todos os talos ele conseguiu enrolar direitinho, então pra nós foi um planejamento que nós fizemos de cada um fazer uma flor para distribuir e que no momento não foi possível, ele somente ficou pra enrolar os talos...” ( Profª.E. p.2, ls 49 - 58).

[...] com certeza a cada momento tem que se (ve) o aluno de uma forma diferente por causa dos dias e como se encontra a criança ne... e assim por acaso eu já tive que levar crianças pra avaliar na areia, encher o balde secar o balde de areia, entendeu, na quadra andar na linha vamos pular só com tapete feito de TNT na quadra, vamos brincar de rolar na cor vermelha, amarelo azul é só os exemplos...” ( Profª. M. p.2, ls39 - 45).

Notei a sensibilidade que a professora E descreve em observar a dificuldade do aluno, criar uma estratégia nova para garantir o aprendizado do mesmo que ocorreu de forma diferente, mas o importante é que o aprendizado se realizou. Considerando a fala da professora M e as observações de Vasconcellos, a cada momento precisamos ver o aluno com olhares diferentes para perceber suas variadas necessidades e supri-las com alternativas possíveis. Quando a professora L relata em sua fala que pode contar com o auxílio de profissionais da área médica para ajudá-la com as dificuldades dos alunos essa é uma parceria garantida em lei para todos os alunos/professores e não apenas para alunos com deficiência. .

[...] eu tava falando com a Acácia a doutora ali, que o Domingos ele entende tudo... ele fala tudo... mas eu to com três anos aqui e ainda não conseguir fazer o Domingos aprender o nome dele, e ela diz que já... (...) ano a ano,



ano. Porque quando o menino ta assim eu corro lá com ela... me diz aqui como é que eu posso fazer as atividades... os trabalhos... sempre a gente vê com ela como eu posso fazer as atividades... (Profª. L. p. 2, ls 57 à-63).

Pode-se relacionar isso com a posição de Luckesi (1998) quando considera a avaliação como “um ato amoroso”, que se destina ao diagnóstico e a melhoria deste ciclo da vida do aluno. Desse modo o autor convida os educadores a traçarem a meta de não considerar o ato avaliativo um julgamento definitivo e seletivo. Para ele, se houver esforços nesta direção, com o tempo a prática da avaliação inclusiva será real por intermédio da avaliação de cada professor, sendo assim praticas seculares e enraizadas tais como a avaliação seletiva e excludente na escola não se transforma como um passo de mágica, as pesquisas realizadas mostram a necessidade de muita discussão entre os professores e sua relação com os alunos. É necessário parar e pensar sobre o significado do que se vem fazendo e partir daí reorganizar a ação de uma prática que melhor se adapte à realidade de cada educando.

Através da análise dos depoimentos das professoras da APAE/Marabá sobre flexibilidade e criatividade no ato avaliativo é possível constatar através das falas de cada professora que as mesmas consideram suas práticas avaliativas como flexíveis e criativas segundo as necessidades de cada aluno. Algumas, como a professora L, quando questionada para fazer um planejamento semanal, rebate dizendo que o planejamento assim como a avaliação deve ser feitos diária no caso de alunos com deficiência. Segundo esta educadora é preciso fazer do “jeitinho deles”, o que pressupõe uma prática avaliativa significativa para o aluno, pensando em suas necessidades específicas. Já a professora E, ao relatar sua pratica, conta que um aluno não conseguiu fazer uma flor, resultado de uma avaliação pratica, no entanto, ela com sua ajudante perceberam que ele conseguia enrolar os talos da flor, segundo ela, imediatamente mudaram sua forma de avaliar, então, fizeram a avaliação através daquilo que a criança conseguiu realizar. Já a professora L2 considera suas práticas avaliativas diferentes sendo sua avaliação um processo prático de preparo para a autonomia do aluno, a professora L2 exemplifica isso contando uma experiência de compra com os aluno à uma vendinha perto da escola. Essas falas sugerem que as práticas avaliativas desses professores como flexíveis e criativas visando sempre o aprendizado do aluno um fator dos mais importantes do processo.

Resumindo, os aspectos que mostram flexibilidade no avaliar dessas professoras são mudanças no planejamento, nas estratégias, nos instrumentos e na individualidade da avaliação, promovendo a inclusão de seus alunos. Na criatividade, percebem-se várias

maneiras criativas que as professoras tiveram ao avaliar os alunos com alguma dificuldade, permitindo que fossem avaliados sobre aquilo que conseguiram desenvolver.

#### 5.4. EXPECTATIVA QUANTO AO APRENDIZADO DOS ALUNOS

Passarei agora para análise das falas das professoras sobre as expectativas de aprendizagens de seus alunos com deficiência, inclusive o aluno com síndrome de Down. Nota-se três categorias que consideram as expectativas das professoras às aprendizagens, cognitivas, autonomia na vida cotidiana e profissionais dos alunos. Para entender um pouco melhor sobre expectativas das aprendizagens, será analisada a primeira categoria que retrata o que as professoras dizem ter em relação **ao aprendizado cognitivo de seus alunos**. Para as entrevistadas:

[...] viche, eu tenho muitas expectativas, ai tenho muitas ( expectativas com a menina que acabou de chegar), ela tinha pavor de escrita... aí eu fui tentando... fui tentando até que agora ela tá bem... mas também isso é lento... é lento, passo quinze dias, vinte dias num assunto só... tens uns que assimilam rapidinho... tem uns que vai dizer assim... já tá falando de novo (Profª. L. p. 4, LS 115-120 ).

[...] olha o que eu espero é assim que eles... assim entendam o que eu passo pra eles, aprendam, desenvolvam né... e que eles cresçam mais ainda. Olha eu acredito que paro os meus pequeninos eu acredito que o futuro deles sejam melhor... que eles sejam bem aceitos pela sociedade... sem preconceitos... eu acredito que a sociedade vai tá mais preparada para recebê-los né... que a sociedade ( gritos ) aceite-os e tenha outro olhar..." ( Profª. IL, p. 5/6. LS, 136-144 ).

Percebo aqui na fala da professora L; que a mesma tenta mostrar uma preocupação com o tempo em passa ministrando o mesmo assunto e como alguns alunos são lentos para assimilarem esses temas abordados, em contrapartida aqueles alunos mais rápidos reclamam com as repetições das aulas. Neste sentido talvez fosse possível individualizar os conteúdos para sanar as dificuldades individuais, com conteúdos significativos e apropriados para cada necessidade educacional de cada aluno. A professora declara também que possui grande expectativa em relação à escrita de uma aluna, que segundo ela, possui trauma de escrita. Pensando neste assunto Luckesi afirma que a avaliação possui

[...] A função de motivar o crescimento. Na medida em que ocorre o reconhecimento do limite e da amplitude de onde se está, descortina-se uma

motivação para o prosseguimento no percurso de vida ou de estudo que se esteja realizando. A avaliação motiva na medida mesmo em que diagnostica e cria o desejo de obter resultados mais satisfatórios. (LUCKESI, 1998, p. 176).

Como declara o autor citado, a avaliação é efetivamente um meio imprescindível para a aprendizagem quando frente às limitações do aluno possui a função amorosa, motivadora para condicionar o aluno ao crescimento tendo no professor um aliado para sua viagem rumo ao sucesso. A professora IL, espera que seus alunos aprendam, entenda o que a ela ensina, e acabe por terem um bom desenvolvimento, sua maior expectativa é que através da educação seus alunos sejam mais bem aceitos na sociedade, que para ela precisa ter um novo olhar para a inclusão desses alunos. Certa de que a educação pode ser uma aliada para melhorar o futuro desses alunos, através de sua fala sugere o desejo intenso em fazer o melhor em sua prática para que seu aluno tenha a possibilidade de um futuro promissor.

Na segunda categoria analisaremos as expectativas das professoras em relação ao **aprendizado da vida cotidiana/autonomia de seus alunos**. O controle do próprio corpo e das necessidades físicas fundamentais do indivíduo são aprendizagens importantes para que alunos com necessidades educacionais especiais adquiram autonomia e conseqüentemente a inclusão na família e sociedade. Em suas entrevistas, as professoras I e M falam sobre a autonomia e independência de seus alunos:

[...] Eu espero que daqui pro final do ano eles já estejam bastante avançados em relação, não a questão da leitura, mas de adaptação, se adaptar, sentar direito, andar, no caso da J., já ta andando bacana e já ta andando sem apoio... era com apoio nas paredes, agora ela já se levanta até da cadeira e sai andando, segurando na mesa, então, eu espero que daqui pro final do ano eu tenha algum êxito, se bem que eu e a Ana eles já chamaram unas quatro vezes pra dizer que os nossos alunos tem um desenvolvimento super-interessante, lá na parte clinica que são uns alunos que mais tão bem rápidos e desenvolvendo algumas atividades, eu fiquei feliz..." (Profª. I. p.3/4. ls,166 - 176).

[...] Que eles possam ser enxergados pela família e por toda a sociedade, como pessoas normais iguais a todo mundo... tem certas dificuldades em determinados momentos, mas que talvez em um próximo momento já estejam prontos para superar as dificuldades, bem melhor do que já é agora ne... Eles estão bem, entendeu? Eu acredito que aqui dentro da APAE vem dando uma oportunidade para eles de se sentirem melhor no mundo lá fora, mas com certeza esse mundo ele tem que ta mais preparado para recebê-los... (Profª. M. p.2. ls, 55 - 63).

As declarações das professoras I e M permite a consideração através de suas falas, que suas maiores expectativas não são relacionadas à leitura e a escrita e sim a independência

pessoal do aluno e a autonomia do próprio corpo. Percebe-se aqui também o desejo das educadoras que seus alunos sejam mais bem aceitos pela sociedade e que seus futuros possibilitem melhores condições de vida para as pessoas que precisam de atenção e procedimentos especiais para suas inclusões nos vários aspectos da sociedade.

Para Luckesi (1998), ensinar, aprender e avaliar não são momentos separados, formam um contínuo em interação permanente e os três necessitam ser atos amorosos, que por sua vez, o ato amoroso deve ser aquele que acolhe situações; ações, alegrias e dores assim como são naquele momento. O ato amoroso não julga, pois o julgamento afasta, ele acolhe porque o acolhimento integra e é somente quando nos sentimos amados, que temos segurança para olhar os nossos erros ou dificuldades, somente, então conseguimos coragem para ir em frente e superá-los. Segundo este mesmo autor o ato amoroso nada mais é do que incluir alguém em todos os sentidos.

As professoras F. e E. em suas entrevistas demonstram em suas falas que compartilham das mesmas expectativas quando o assunto é independência/autonomia na vida cotidiana de seus alunos:

[...] expectativa é... fazer com que eles se aproximem o mais rápido possível da sociedade ne... daqui da APAE eles devem ser inseridos, no entanto, são excluídos. Ah... muito desenvolvidos ne... que as vezes eu mesma já criei expectativas muito ne... e convivo so pais é... pensar ne... com expectativas, mas dentro da realidade que eu tenho convivido nesses cinco anos eu vejo um futuro muito bom, muito próximo também... vê eles se desenvolvendo ne... vê eles entusiasmados... tipo lendo uma receita, lendo alguma coisa na rua, tomando um ônibus ne... tipo o meu (neto da professora), que não sai de casa ne... não saía... agora eu agora eu já vejo, vejo, já observo, ele entusiasmado pra sair pros lugar, conhecendo o ônibus que ele tem de tomar, escolhendo o que ele quer, então pra mim tudo isso é... um avanço diante do que eu presenciei, porque eu presenciei ne... desde o nascimento dele..(Profª.F. p.2/3.ls, 69 - 84).

[...] olha o que a gente espera deles é que eles sejam uns alunos independentes e que eles possam está sempre incluídos na sociedade e com isso eu a... é essa a nossa meta e a minha expectativa. Podemos dizer que o que a gente imaginava no ano de 2007, hoje já está acontecendo, que é independência ne (de) nossos alunos, a maioria não, mas tem uma turma dos aprendizes que eles já vão pra casa sozinhos e vem pra escola ne... o que aconteceu na...quando o motorista faltou uma vez a gente viu o tanto que eles estão independentes, que eles pede pro motorista parar, chama os colegas e vem a maior alegria pra escola, então, já estão independentes, alguns já não depende tanto do ônibus ne... já vem sozinhos ne, então eu acho que só tem a melhorar cada vez mais, isso ai a gente pensava em 2007, agora já está acontecendo graças à Deus... (Profª. E.p.3/4.ls,80 - 92).

Através dessas falas as professoras expressam a expectativa que têm sobre o aprendizado da vida cotidiana de seus alunos que elas denominam como independência. Para elas o aluno ter autonomia para pegar o ônibus certo, ler uma receita, saber o que quer; são aprendizagens que ao mesmo tempo são conquistas grandiosas para quem sempre dependeu da família. Pude notar suas emoções ao relatar os progressos dos seus alunos; segundo elas essas conquistas para muitos devem parecer rotinas da vida cotidiana sem relevância, mas para cada um deles esses aprendizados são progressos que permitem a inclusão na sociedade.

A terceira categoria nos permite observar através do depoimento de cada educadora suas grandes **expectativas para a profissionalização de seus alunos**. Sabe-se que a escola tem como uma de suas responsabilidades ajudarem seus alunos a desenvolverem habilidades e competências para sua vida profissional futura. Neste sentido, no ensino de alunos com deficiência não é diferente, essas habilidades devem ser aprendidas para que este aluno tenha mais chances de ser incluso no mercado de trabalho com boas chances de sucesso. As professoras L e R têm muitas expectativas que seus alunos consigam trabalho e sejam aceitos sem preconceitos:

[...] com certeza... essa é nossa expectativa... melhorar, e eu tenho fé em Deus que eu vou ver a maioria deles... que o sonho deles é se empregar... trabalhar... mas é aquela coisa... APAE daqui eu não sei... porque tem outras APAEs que já tem como profissionalizar dentro da APAE e sair para o mercado... aqui ainda vai começar... e é lento muito lento, e os meninos querem... eles estão loucos... a gente já começou a (falar)... conscientizar eles... e os pais também a S. já vai começar a (falar)... com fé em Deus vai dar tudo certo... ( Profª. Lp.7/8. ls,195 - 206).

[...] o melhor, tipo assim, o que eu acredito que a partir do momento que a nossa sociedade ne... ela tiver assim sensibilidade de que quanto mais cedo a mãe colocar essa criança na escola, essa criança vai ter toda oportunidade de aprendizagem entendeu?... vai ter mais oportunidade de ser... de se incluir numa sociedade aos poucos, mas vai conseguir entendeu?... porque quando existe... quando elas demoram muito elas tem muito a perder, então o que eu vejo dos meus alunos aqui e quanto ao desenvolvimento deles é o melhor eu acredito assim, que na aprendizagem deles eu sei que eles são capazes, então, eu sou uma verdadeira sonhadora eu acho que existe toda uma... eles tem toda uma oportunidade pra aprender... entendeu? Bem tem alguns aqui que tem habilidades pra dançar, porque não bailarina? Porque não cantar? Tem uns aqui que gosta de contar histórias ne e já existe propagandas ai que é saindo direto na televisão de que eles podem ter uma vida normal, podem fazer uma faculdade porque não? Entendeu...porque não? Porque não podem namorar também? Então eles precisam ser vistos pela sociedade como pessoas normais, é normais que podem ter uma vida normal há uma... eles tem necessidades diferenciadas, mas são pessoas que podem ter uma vida normal, então eu vejo assim um futuro brilhante pra cada um deles... junto

com a família que trabalha e valoriza essas criança... ( Profª. R.p. 4/5. Is, 97 - 118).

Como diz a professora R. "... vejo assim um futuro brilhante pra cada um deles...", percebe-se através de suas palavras esperança de que todos os alunos tenham sucesso profissional, esperança precisa ser o combustível de quem educa, ainda mais para pessoas que trabalham com educação especial, onde dependendo da deficiência do aluno é sabido terá mais ou menos rejeição no mercado de trabalho por conta do preconceito que ainda persiste na sociedade,o contato com o novo e a falta de conhecimento sobre as pessoas com deficiência no primeiro momento assusta. As possibilidades de trabalho das pessoas com algum tipo de deficiência são muitas, o problema é que grande parte do mercado de trabalho não tem conhecimento do potencial desses indivíduos, a falta de conhecimento muitas vezes causa rejeição, o que se constitui grande barreira para o mercado de trabalho. Ainda hoje, a aceitação das pessoas com necessidades especiais no mundo profissional é uma barreira a ser vencida por todos, que só será possível através da consciência de que as pessoas com deficiência são capazes de trabalhar com competência, basta que tenham seus instrumentos de trabalho e espaços adaptados e sejam respeitados como pessoas capazes, que possuem alguma limitação como todos os seres humanos.

Concluindo, as expectativas das professoras se resumem em grande anseio em relação ao desenvolvimento de seus alunos, no aspecto cognitivo, esperam que eles tenham um bom desenvolvimento principalmente na leitura e escrita. Anseiam que seus alunos sejam independentes e consigam autonomia para realizar as atividades do dia-a-dia. Nutrem grande esperança que eles tenham sucesso na vida profissional, apesar de que receiam que o mercado de trabalho ainda não esteja preparado para recebê-los, mas esperam que sociedade mude suas concepções sobre a pessoa com deficiência e o preconceito diminua.

## 6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dito anteriormente nesta pesquisa, a análise das falas das professoras foi realizada através da análise de conteúdo, pois para nós, vem se mostrando ser uma técnica que promove o maior conhecimento da realidade e melhor interpretação das mensagens emitidas pelos sujeitos (FRANCO 2007). O meu interesse neste trabalho é identificar como as professoras da APAE de Marabá avaliam seus alunos com síndrome de Down.

Neste momento, farei as conclusões acerca das categorias analisadas, concepção de avaliação, instrumentos utilizados, flexibilidade e criatividade e expectativas de aprendizagens e o relacionamento entre elas.

Na primeira categoria \_ *concepção de avaliação* \_ as professoras dessa pesquisa argumentam que suas concepções de avaliação são construtivas e inovadoras, capazes de diagnosticar as dificuldades para melhorar o ensino.

Na segunda categoria \_ *Instrumentos utilizados* \_ as respostas de cinco professoras deixam claro o uso de prova escrita, contrapondo-se à concepção de avaliação construtiva, inovadora e participativa que as mesmas relatam ter em suas falas anteriores quando expressam a concepção que tem de avaliação escolar. Quando a avaliação é direcionada para crianças com deficiência, o que preocupa é o uso que historicamente tem havido da prova: se classificatória e seletiva, onde apenas o aluno é avaliado e em alguns momentos, ou processual, onde se entende uma análise durante todo o processo, tendo como objetivo auxiliar o aluno no processo de aprendizagem. No entanto, as maiorias das entrevistadas declaram seus instrumentos avaliativos como avaliação continuada ou observação diária, aquela que avalia o aluno todo dia e em todos os momentos, uma avaliação processual que se constitui em prática mediadora. É percebida, nas falas, a preocupação unânime em testar sempre vários instrumentos avaliativos para praticar o que melhor mostre se o aluno teve sucesso no aprender ou não. Essa ação promove a inclusão de alunos que tenham mais dificuldades para aprender, um ato de democratização da avaliação do aluno.

Na terceira categoria – *Flexibilidade e criatividade* -, As professoras descrevem suas práticas avaliativas como flexíveis e criativas aquelas que se o aluno não está aprendendo a escola e o professor deve ser criativo e buscar alternativas de superação da não aprendizagem,

se preciso rompendo esquemas formais consagrados para chegar ao objetivo maior da avaliação que é auxiliar no aprendizado e não atrapalhar.

Quando relatam suas *expectativas de aprendizagem*, todos os professores foram claros em dizer que tinham grandes expectativas em relação à aprendizagem de seus alunos, quatro falantes tem muita expectativa quando a independência na vida diária de seus alunos, autonomia para dominar o próprio corpo e tomar decisões próprias.

Para duas professoras, suas expectativas são no aprendizado da leitura e escrita, sabem que não é fácil, mas acreditam nessa possibilidade. Já outras duas professoras esperam que seus alunos tenham sucesso profissional, sejam aceitos e valorizados pelo seu trabalho que pode ser de qualidade como de qualquer indivíduo. A partir das falas das professoras desta pesquisa é possível perceber certa insegurança frente ao novo aluno com uma nova deficiência, o que é aceitável. Apesar de terem formação e prática o ser humano é único, sua necessidade também, cada um aprende de forma diferente é preciso ter sensibilidade para avaliar.

As concepções dos professores sobre avaliação do aluno com síndrome de Down, apesar de apresentarem particularidades em sua grande maioria apresenta-se semelhantes. Sobre concepção de avaliação, as falantes são unânimes em declarar que possuem concepções de avaliação construtivas, inovadoras e participativas. Acreditam ter uma visão de avaliação qualitativa. Sobre instrumentos avaliativos, observa-se através das falas que algumas utilizam instrumentos som ativos e classificatórios como, provas, suas concepções, no entanto, a maioria afirma usar uma linha mediadora, quando a avaliação é usada como auxílio do ensino e da aprendizagem. Sobre flexibilidade e criatividade, todas as entrevistadas consideram suas práticas flexíveis e criativas, ou seja, quando a avaliação necessita de ajustes para atingir seu objetivo, o aprendizado do aluno. Sobre expectativas da aprendizagem, suas expectativas são para foco diferentes tais como; aprendizagem cognitiva, independência/autonomia pessoal e realização profissional, no entanto, todas as professoras dizem ter grandes expectativas para o futuro de seus alunos.

Como conclusão parcial, pode-se afirmar que o processo avaliativo da instituição pesquisada, APAE/Marabá, está caminhado num processo inclusivo onde todos os aspectos da inclusão mostram-se em andamento. “O ‘incluir’ é trazer para dentro da escola os alunos com deficiência, buscando atender todas as suas necessidades educacionais especiais, sempre



questionando o processo de produção social da deficiência (DINIZ, 2007). Contudo, há que se fazer uma reestruturação nos instrumentos avaliativos para instituir aqueles que melhor asseguram a inclusão dos alunos com deficiência, lembrando que as salas de aula desta escola recebem crianças com variadas deficiências, devendo ser construídas variadas estratégias para uma avaliação inclusiva. Pode-se considerar também a possibilidade de os professores passarem por uma nova formação sobre avaliação inclusiva, tida como necessária para que haja a inclusão de todos os alunos que ali chegarem.

## REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo Otto. Inclusão e Avaliação na Escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre. Mediação, 2005.

BRASIL. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretária da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: 2001.

\_\_\_\_\_. Avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. Brasília: SEESP/MEC, 2005 (Saberes e Práticas da Inclusão).

\_\_\_\_\_. Declaração de Salamanca: recomendações para a construção de uma escola inclusiva. SEESP/MEC; (ORG.) Maria Salete Fabio Aranha. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2002.

CAPELLINI, V. L. M. F. Avaliação do rendimento escolar de alunos com deficiência visual inseridos no ensino regular. Temas sobre desenvolvimento, v. 11, nº 66, 2003, p. 39-44.

DINIZ, Débora. O que é deficiência? São Paulo, Brasiliense, 2007 (Coleção Primeiros Passos).

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de Conteúdo. 2 ed. Brasília,: Liber Livro Editora 2007.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: Uma prática em construção da pré-escola á universidade. Porto Alegre: Educação & realidade, 1993.

JANNUZZI, Gilberta S. de M. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições- 8º. Ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

GAIO, Roberta, MENEGHETTI, Rosa G. Krob. (organizadoras). Caminhos Pedagógicos da Educação Especial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUZA, Clarilza Prado de (org). Avaliação do Rendimento Escolar. São Paulo: Papirus, 1997.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William Inclusão: Um guia para educadores. Trad. Magda França Lope. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. A avaliação da aprendizagem: Práticas de Mudança Por uma Práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 1998.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. A Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WERNECK, Claudia. Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva 2. ed. WVA: Rio de Janeiro 1997.

ZAZZO, René. Psicologia Educacional da Criança. Ed. Vega, Lisboa, 1979.

## ANEXOS

Entrevista 1, Dia 22/05/2008 Duração 8:59 minutos

- 1 Ent.: eu gostaria de saber qual o seu nome?
- 2 Prof. F.: F.
- 3 Ent.: e... a sua idade?
- 4 Prof. F.: cinquenta e três anos
- 5 Ent.: e... qual a sua formação?
- 6 Prof. F.: eu... sou... recém formada em pedagogia
- 7 Ent.: ai, que bom
- 8 Ent.: e... a quanto tempo você... trabalha aqui na APAE nesta função?
- 9 [
- 10 na APAE...
- 11 Prof. F.: em educação especiais é cinco anos
- 12 Ent.: nesta função de professora?
- 13 Prof. F.: nesta função de educação especial, agora... como professora eu tenho
- 14 12 anos concurso né como professora, como funcionária pública né...
- 15 19 anos
- 16 Ent.: e... você teve ou tem alguma preparação para trabalhar
- 17 especificamente com alunos com síndrome de down ?
- 18 Prof. F.: não, só o que a gente tem só materiais na pedagogia
- 19 né, nos tivemos teve é (duas) matéria por dia e a prática foi aqui
- 20 mesmo na APAE.
- 21 Ent.: e aqui na APAE você já fez algum Curso?
- 22 Prof. F.: agente já fez aqui vários cursos. (barulho).
- 23 Ent.: e... na sua opinião o que é a inclusão do aluno é... especial?
- 24 Prof.: a inclusão oportunidade... melhor né... é fiscalização
- 25 Ent.: na escola regular como você acha que deve ser está... está... inclusão?
- 26 Prof.: de forma integral né... que venha é... atender as necessidades que os
- 27 pais estão precisando.
- 28 Ent.: e aqui na APAE como acontece está inclusão?
- 29 Prof.: a inclusão aqui na APAE acontece... de forma razoável eu não diria
- 30 Assim totalmente boa e nem ruim, mas na medida do possível é boa.
- 31 certo.
- 32 e eu gostaria que você me dissesse como é que você faz a avaliação
- 33 dos seus alunos?
- 34 Prof. F.: e a avaliação dos alunos a gente faz nem 100%... né as vezes a gente
- 35 faz... eu já tentei várias vezes, eu já tentei fazer em dupla e agora
- 36 ultimamente eu to fazendo assim, trabalho em grupo e avaliação
- 37 Individual. Porque a gente sempre tem que ta mudando né... ai eu já
- 38 fiz... tentei fazer escrita né... a gente faz relatórios né... mas a avaliação
- 39 que mais predomina, que mais é proveitosa é aquela em grupo é

- 40 Individual. (gritos)
- 41 Ent.: é quais foram assim os instrumentos que você usa pra sua... sua...  
42 avaliação?
- 43 Prof.: a avaliação mais freqüente é a avaliação (oral).
- 44 Ent.: certo.
- 45 é... você observa que os seus métodos avaliativos eles combatem o  
46 preconceito?
- 47 Prof.: sim.
- 48 Ent.: porque?
- 49 porque a gente tem que dá melhor forma possível mesmo que a gente  
50 já vê muito preconceito né... ai principalmente eu... né... porque eu já  
51 me sinto nesse mundo... tendo um ser que eu vivo em volta dele que é  
52 meu neto né... então tudo que eu faço e pra combater esse  
53 preconceito.
- 54 Ent.: ah ! senhora tem um neto com...  
55 Prof. F.: síndrome de down. Carlos.
- 56 Ent.: Então eu to falando com a pessoa certa.  
57 (risos).
- 58 Ent.: é na sua opinião é... a avaliação ele pode ter um caráter inclusivo ou  
59 excludente?
- 60 Prof. F.: excludente... avaliação... a avaliação depende né... ela pode ser  
61 excludente né e pode ser inclusiva depende.
- 62 Ent.: depende do que?
- 63 Prof. F.: depende da forma como avaliar. Se for avaliada no método né  
64 antigo né... e... ela... se seguisse aquele ritmo né... ela... não é  
65 proveitosa, mas se for inovadora sim.
- 66 é, quais as suas expectativas em relação ao desenvolvimento dos seus  
67 alunos?
- 68 Prof. F.: expectativa é... fazer com que eles se aproximam o mais rápido  
69 possível da sociedade né... daqui da APAE eles devem ser inseridos  
70 no entanto, são excluídos.
- 71 Ent.: certo?
- 72 Ent.: é como você imagina o futuro dos seus alunos?
- 73 Prof. F.: ah... muito desenvolvidos... né... não tanto assim né... que às vezes eu,  
74 mesma já criei expectativas muito né... e convido os pais é... pensar  
75 né... com expectativas, mais dentro da realidade que eu tenho  
76 convivido nesse 5 anos eu vejo um futuro muito bom, muito próximo  
77 também né... vê eles se desenvolvendo né... vê eles entusiasmados...  
78 tipo lendo uma receita, lendo alguma coisa na rua, tomando um ônibus  
79 né... tipo o me que não sai de casa né... não saia... agora eu agora eu já  
80 vejo, já observo, ele entusiasmado pra sair pros lugar, conhecendo o  
81 ônibus que ele tem de tomar, escolhendo o que ele quer, então pra  
82 mim tudo isso é... um avanço diante do que eu presenciei porque eu  
83 presencie né desde o nascimento dele.

- 84 Ent.: certo.
- 85 Ent.: é... é... falando de expectativa ainda, o ano que vem a APAE vai formar
- 86 é... classes de estudos profissionalizantes né... como a senhora vê...
- 87 essa iniciativa que vai acontecer o ano que vem como é abertura de
- 88 portas para o crescimento desses alunos que estudam aqui?
- 89 Prof. F.: sim! por mais que esta porta seja muito estreitinha mais eu acredito
- 90 que ela pode se alargar.
- 91 Ent.: A senhora acha que muitos dos alunos que estudam aqui vão adentrar
- 92 ao mercado de trabalho... depois que se profissionalizarem aqui?
- 93 [
- 94 Prof. F.: Eu não diria muitos, nem 50% mas 40% eu acredito sim, 40% dos
- 95 alunos sim.
- 96 Ent.: é desses 40% que a senhora acha que vai chegar lá... como que a
- 97 senhora acha que a sociedade vai recebê – los?
- 98 Prof. F.: eu... a sociedade... vai ser difícil né... eu acho que a sociedade vai
- 99 receber ainda com muito preconceito... a gente ainda vai ter muita
- 100 barreira.
- 101 Ent.: E na sua opinião qual seria a solução pra que... é... essa sociedade
- 102 recebesse mais receptivamente esses alunos?
- 103 Prof. F.: Informação, assim como... eu... e... essa sociedade os governantes
- 104 estão dando esta oportunidade aos educadores também dá à
- 105 sociedade às famílias né... principalmente os grandes empresários...
- 106 essas pessoas... que se distanciam porque também a gente vê que aqui
- 107 a APAE mantenedora, ela é mantida pelos empresários... mas também
- 108 tem muita gente afastados daqui. e essas pessoas afastadas daqui elas
- 109 são poucas mas contaminariam muitos para o afastamento da
- 110 sociedade, então tinha que haver uma forma... uma interação para que
- 111 eles se conscientizassem e passassem também a nova geração o
- 112 aceitamento dessas pessoas.
- 113 Ent.: e essa fora forma que a senhora fala... a senhora imaginou como
- 114 seria... essa forma de educar a sociedade?
- 115 Prof. F.: cursos.
- 116 Ent.: é cursos.
- 117 Prof. F.: preparação... a mídia.
- 118 Ent.: a mídia. ta bom então... muito obrigada.
- 119 Prof. F.: espero ter contribuído.
- 120 Ent.: Contribuiu muito.

Entrevista, 2, Dia 24/05/2008, Duração 17:13

- 1 Ent.: é... Seu nome?  
2 Prof. L.: L.  
3 Ent.: tá.  
4 Ent.: Você se importa de dizer sua idade ou não?  
5 Prof. L.: não... quarenta e oito.  
6 Ent.: sua formação?  
7 Prof. L.: pedagoga... pedagogia.  
8 Ent.: e... tem quanto tempo que você trabalha aqui na APAE.  
9 Prof. L.: na APAE três...  
10 Ent.: três anos... nesta função de professora?  
11 Prof. L.: aqui na APAE...  
12 Ent.: aham.  
13 Prof. L.: agora como professora eu tenho vinte e cinco.  
14 Ent.: você é do município?  
15 Prof. L.: do município... quer dizer 22 lá fora... aqui eu já tenho três anos faz  
16 vinte e cinco. (eu estou me preparando para aposentadoria, pra sair  
17 daqui). (gritos).  
18 Ent.: você fez ou você está fazendo algum curso pra trabalhar  
19 especificamente com Síndrome de Down?  
20 Prof. L.: nós já fizemos.  
21 Ent.: aqui pela APAE?  
22 Prof. L.: (eu tô fazendo esse lá em Belém).  
23 (gritos)  
24 Ent.: na tua opinião o que é a inclusão... seja do aluno com síndrome, com  
25 deficiência ou não?  
26 Prof. L.: a inclusão é... é... ele... no  
27 Prof. L.: caso dos meninos daqui ter acesso a outros... se adaptarem melhor,  
28 porque quando os menos daqui estão inclusos lá nas outras escolas a  
29 gente vê a diferença.  
30 Ent.: qual é essa diferença?  
31 Prof. L.: eles tem mais facilidade de alertar, na aprendizagem como aqui tem  
32 dois inclusos a gente já vê a diferença... eu acho vantagem... melhora  
33 muito... ta agora saber trabalhar com essas crianças é que ta  
34 problema. aluno entra gritando.  
35 Prof. L.: fica aqui caladinho, oh! é difícil pra lidar porque tem dia que eles  
36 estão bem, tem dia (que não dá) eles não quietam e você tem que  
37 aceitar.  
38 Ent.: e tem que mudar de estratégia?  
39 Prof. L.: hum rum.  
40 tem que procurar meios e a de lá a outra escola não faz... assim...  
41 porque e muita gente.  
42 Ent.: é... você percebe que é difícil aqui com poucos né imagina lá com  
43 muitos? e ainda sem a preparação do professor.

- 44 Ent.: é... me diz assim como é que você faz a sua avaliação com seus alunos?  
45 como é feito?
- 46 Prof. L.: é eu tenho... alguns que já sabem ler aqui... tem uns alfabéticos,  
47 alfabetizados, outros nada... eu vejo com a professora de português eu  
48 já sei os níveis dos meninos... eu separo aqueles que já dão conta de  
49 diferenciar a letra da palavra, vamos supor o L no teclado, que isso ele  
50 já faz ai eu passo atividade para trabalhar ai eu vejo onde eles tem  
51 onde que eles tem dificuldades ou não.
- 52 Ent.: quais os instrumentos de avaliação que você usa?
- 53 Ent.: transparência... observação.
- 54 Prof. L.: aqui ninguém nem usa mesmo tarefa rodada, mimeografada assim...  
55 mas eu sempre faço pra queles que já... porque tem meninos que já lê,  
56 e tem outros que não lê nada. eu tava falando com a Acácia a doutora  
57 ali, que o Domingos ele entende tudo... ele fala tudo... mas eu tô  
58 com três anos aqui e ainda não consegui fazer o Domingos aprender o  
59 nome dele e ela diz que já... (...) ano a ano, ano. porque quando o  
60 menino ta assim eu corro lá com ela... me diz aqui como é que eu  
61 posso fazer as atividades... os trabalhos... sempre a gente vê com ela  
62 como que eu posso fazer estas atividades... ai eu faço mimeografada...  
63 pergunta oral que mais oral é melhor... porque a oral a gente vê como  
64 eles assimila melhor... (...) (vejo com a menina) na folha a Cremilda ai  
65 eu passo aquelas atividades ai eu passo aquelas atividades...  
66 [relatório também. relatório a gente faz aqueles relatórios... mas no  
67 dia – a – dia a oral é melhor.]  
68 quer dizer, observação, ih, ih, ih... avaliação [oral... oral é melhor.]
- 69 Ent.: é assim, nesses três anos que você trabalha aqui... e você já teve que  
70 mudar de instrumentos avaliação pra poder conseguir avaliar algum  
71 aluno?
- 72 Prof. L.: (olha) todo dia... e isso quero questionar... eu questiono sempre assim  
73 todo dia que ela pede, ah o plano de aula... eu sei que tem que ter um  
74 plano de aula só colega que o plano de aula é flexível. na turma que  
75 nos estamos eu não vou fazer um plano de aula semanal, meu plano  
76 de aula de aula é dia – a – dia. porque esta com um plano de aula  
77 Semanal eu (furo) ele todinho, porque eu penso aplicar aquilo ali...  
78 chega aqui não dá certo... ai eu tenho que pegar por onde eles querem  
79 do jeitinho deles... ai que eu vou mudar de estratégia... e trabalhar  
80 para conseguir o que você quer.
- 81 Ent.: você observa que os seus instrumentos avaliativos  
82 eles combatem o preconceito?
- 83 Prof. L.: combatem sim, até porque a gente fala disso todo dia, não existe  
84 ninguém melhor do que outros... outro melhor? ah porque (meu filho)  
85 é (melhor mongô), não tem ninguém mongô, você tem uma  
86 deficiência... mas isso não quer dizer que você é diferente dos outros.  
87 acabou... tai oh! daquela hora de manhã eu passo o texto com aqueles



- 88 que sabem... os eu boto pra fazer o desenho, pra pintar... pra circular o  
89 nome da letra e são várias atividades... eu tenho que ter várias  
90 atividades dentro sala eu não tenho só uma... e eu não tenho toda a  
91 matéria aqui eu guardei mais materiais concretos... eu descobri que  
92 o material concreto pra eles e melhor. agora lá fora fica difícil porque  
93 elas não vão fazer isso daqui... eu tenho todo o material pra trabalhar  
94 aqui.
- 95 Ent.: certo.
- 96 na sua opinião a avaliação seja ela aqui com os alunos com alguma  
97 síndrome ou alguma deficiência ou seja lá na escola regular com os  
98 alunos ditos “normais” é na sua opinião a avaliação ela pode incluir ou  
99 excluir uma criança?
- 100 Prof. L.: não... não... porque a avaliação assim no caso... você quer dizer assim  
101 na aprendizagem dele ele não pode ir pra frente... ele não pode...  
102 Ent.: e porque...
- 103 Prof. L.: não porque você faz uma avaliação escrita e não deu certo... mas a oral  
104 ele dá... ai você não vai excluir porque ele não acertou naquele papel.
- 105 Ent.: mas muitas escolas ainda usam os métodos tradicionais de avaliar o  
106 aluno.
- 107 Prof. L.: você vai ter que avaliar o que aprendeu de qual forma... você vai  
108 tentar descobrir o que ele aprendeu ou não de qualquer forma... se  
109 não achar você vai ter que dá seu jeito. mas eu acho que a avaliação  
110 escrita não tem nada a ver... sabendo responder, não tem nada a ver  
111 não.
- 112 Ent.: qual sua expectativa em relação ao desenvolvimento dos seus alunos  
113 aqui da APAE?
- 114 Prof. L.: viche, eu tenho muitas expectativas. ai tenho muitas (expectativas com  
115 as meninas que acabou de chegar) ela tinha pavor de escrita... ai eu fui  
116 tentando... fui tentando até que agora ela ta bem... mas também isso  
117 é lento... é lento passo quinze dias, vinte dias num assunto só... tem  
118 uns que assimilam rapidinho... tem outros que vai dizer assim já ta  
119 abusado... isso ai... já ta falando de novo.
- 120 Ent.: e os pais como eles reagem com essa demora e trabalho com eles?  
121 Prof. L.: e trabalhado.
- 122 Ent.: tem uns que ainda ta assim... quer que ai ta. a gente chama... conversa  
123 com eles... a diretora conversa... a assistente social conversa que eles  
124 tem que ter paciência... tem uns que já estão entendendo que o filho  
125 tem a mente lenta... mas isso não quer dizer que ele não aprende ele  
126 Aprende sim, não é assim como se diz normal lá fora que no final do  
127 ano você tem que dá ele prontinho que esse é o problema que eu já  
128 trabalhei lá é...
- 129 Ent.: o tempo aqui é indeterminado.
- 130 Prof. L.: é indeterminado.
- 131 Ent.: o importante aqui é o aprendizado.

- 132 Prof. L.: é o aprendizado... eles aprendem só que não é assim você dá hoje é  
133 amanhã ele tem que saber... no final do mês você faz a avaliação ele  
134 tem que saber... não, não vê essa aluna C... desde o início de  
135 agosto nos estamos tentando hoje nos estamos colocando eles aqui e  
136 a maioria não sabe de nada, mas eles vão aprender uma hora... eles  
137 aprende... se fala uma palavra aqui eles ficam... quando você menos  
138 espera eles dizem aquilo /abacate/ você tem que esperar o momento  
139 deles... esse de síndrome eles num capta o que a gente fala, você fala,  
140 fala, fala, fala comigo, fala ai ele fala... mas de repente você ta aqui  
141 hoje eles vão dizer o que você falou ai você se surpreende.  
142 Ent.: você nem ta mais esperando?  
143 Prof. L.: nem esperando... nem esperando... nem esperando ai ele vem e diz  
144 assim... ai você vai trabalhar em cima daquilo ali... certo.  
145 Ent.: certo.  
146 Prof. L.: mas é gostosa.  
147 Ent.: como que você imagina que vai ser o futuro deles?  
148 Prof. L.: eu espero que eles (tenham sucesso, estejam bem) mais a frente, mas  
149 eles são outra coisa... eles são positivos, são sinceros... eles não  
150 mentem... eles falam a verdade e são verdadeiros.  
151 Ent.: eu ouvi dizer que o ano que vem... vai ter aqui na APAE cursos  
152 profissionalizantes pra eles.  
153 Prof. L.: já tem.  
154 Prof. L.: e aqui vai ter pra eles (muitos cursos).  
155 Ent.: a partir desses cursos, a partir do ano que ano você imagina que  
156 muitos deles vão adentrar ao mercado de trabalho?  
157 Prof. L.: vai.  
158 Ent.: porque você acha que vai?  
159 Prof. L.: bom depende porque é aquela coisa... dependendo lá do trabalho  
160 deles será que eles vão ter aquela paciência que nós temos aqui?  
161 carinho.  
162 Ent.: então você acha que a sociedade não está preparada pra recebê – los?  
163 Prof. L.: nem todos estão preparados, é igual a escola não está preparada não...  
164 ai é que está o problema tem que ter...  
165 Ent.: ai quando não está preparado não ocorre à inclusão.  
166 e é só daqueles que... porque tem uns aqui que já dá... que no caso nós  
167 sentamos esses dias e falamos que tem menino aqui que não dá mais  
168 pra sala de aula, assim pra escrever... pra ler... nu caso do Domingos...  
169 ele tem a mente fechada pro estudo mas pra fazer qualquer coisa na  
170 sala ele faz... e ele dá conta.  
171 Ent.: e é responsável.  
172 Prof. L.: e é responsável.  
173 Fabiano lê... Fabiano lê... esse Fabiano, mas ele tem problemas na vista  
174 que impede ele de aprender mais e não pode estudar muito, Fabiano  
175 está aqui por um...

- 176 Ent.: então o que você acha... trabalhando com essas crianças o que você  
177 acha que deveria ser feito para a sociedade é... é... é... pegar esses  
178 alunos sem preconceito e ajudá – los?  
179 Prof. L.: formalizar.  
180 Ent.: como?  
181 Prof. L.: fazer reuniões... formar eles lá dizendo o que eles tem que fazer...  
182 Ent.: na sua opinião através de que meios de que organismo e quem  
183 deveria fazer isso?  
184 Prof. L.: a sociedade mesmo em si ela já ta... a APAE aqui já está bem  
185 evoluída... já está muito destacada... visada e eles já estão entendendo  
186 mais ou menos assim...  
187 Ent.: mas preconceito ainda é grande.  
188 Prof. L.: ainda tem assim... mas não é como era não... já diminuiu muito.  
189 Ent.: você acha que já melhorou?  
190 Prof. L.: acho que já melhorou muito... é mais, quem quer ajudar essa APAE...  
191 fazer alguma coisa... eu acho que... vai dá tudo certo... vai depender  
192 do...  
193 Ent.: você acha que o futuro será melhor?  
194 Prof. L.: com certeza. essa é nossa expectativa... melhorar e eu tenho fé em  
195 Deus que eu vou ver a maioria deles... que o sonho deles e se  
196 empregar... trabalhar... mas é aquela coisa... APAE daqui eu não sei...  
197 porque tem outras APAE's que já tem como profissionalizar dentro da  
198 APAE e sair para o mercado... aqui ainda vai começar.  
199 Ent.: processo lento?  
200 Prof. L.: e é lento, é lento.  
201 Ent.: mas as expectativas são...  
202 Prof. L.: boas né?  
203 e os meninos querem... eles estão loucos... a gente já começou falar...  
204 conscientizar eles... e os pais também a socorro já começou a (falar)...  
205 com fé em Deus vai dá tudo certo.  
206 Ent.: ok... muito obrigada viu?  
207 Prof. L.: era só isso?  
208 Ent.: sim.  
209 Prof. L.: (alfabetizar é isso).

Entrevista 3, Dia 27/05/2008 – Duração 8:00 minutos

- 1 Ent.: qual o seu nome?  
2 Prof. E.: E.  
3 Ent.: sua idade?  
4 Prof. E.: trinta e oito anos.  
5 Ent.: sua formação?  
6 Prof. E.: ensino superior incompleto.  
7 Ent.: você teve ou tem preparação para trabalhar com crianças com  
8 síndrome de Down?  
9 Prof. E.: não, nós tivemos preparação pra trabalhar é com deficiente visual  
10 tivemos preparação, agora com s.d somente em materiais que agente  
11 corre atrás né e algumas palestras né mas formação específica não.  
12 Ent.: na tua opinião o que é a inclusão do aluno com síndrome de down ?  
13 Prof. E.: a inclusão é a interação né, que acontece com os alunos e nós  
14 fazemos da seguinte forma é estimulando o aluno com a... como é que  
15 se diz... com o melhor estímulo possível a criança que não consegue,  
16 não só S.D que eu vou falar, a criança que não consegue é pegar no  
17 lápis agente estimula ele com as mãos, com a nossa ajuda né fazendo  
18 com que ele se movimente, então essa inclusão se dá através disso,  
19 não só jogar ele aqui como se aqui fosse um depósito, agente fica  
20 estimulando eles fazer a interação com os colegas e até mesmo  
21 executar algumas atividades.  
22 Ent.: como se dá a avaliação do aluno com s.d aqui no APAE? é diferente da  
23 escola regular?  
24 Prof. E.: bom concerteza, né, num bem eu acho que é, é e não é diferente né  
25 porque eu não sei como eles trabalham lá fora porque a avaliação  
26 agente se faz todos os dias e aqui é com material concreto é o que  
27 agente trabalha com eles.  
28 Ent. dê exemplos.  
29 Prof. E.: ai, exemplos... bem aqui na oficina nós somos duas professoras, além  
30 das atividades que agente faz quando nos queremos fazer observar  
31 mais ainda os nossos alunos, fica geralmente a professora Francisca  
32 com alguns materiais na mão né trabalhando com eles e eu fico  
33 observando eles e vou fazendo anotações, é assim que agente ta  
34 fazendo a nossa avaliação aqui na oficina.  
35 Ent.: quais os instrumentos usados pra fazer avaliação que vocês usam aqui  
36 na APAE?  
37 Prof. E.: bem como eu te falei a gente observa muito, o aluno porque esse é o  
38 Principal e além da observação agente faz muitas perguntas e  
39 trabalhamos com material concreto com eles é o tipo de, de, de  
40 recursos que agente usa pra está avaliando nossos alunos aqui na  
41 oficina.  
42 Ent.: você já teve que criar alguns instrumentos ou estratégia diferente em  
43 alguma circunstância pra conseguir avaliar um aluno?

- 44 Prof. E.: há, com certeza, assim agente... quando a agente vem agente planeja  
45 né, mas o nosso planejamento é flexível e geralmente quando a  
46 agente vem pra sala de aula que agente planeja uma coisa, quando  
47 chega não dá certo imediatamente a... gente vai se transformando,  
48 claro, vamos, vamos nos adequando segundo o nível de cada criança  
49 aconteceu aqui na oficina foi com a confecção de flores né que nós  
50 sonhamos eu com a outra professora de que os meninos iam conseguir  
51 fazer, muitos conseguiram mas teve uma criança que não conseguiu  
52 mas nós descobrimos que ele tinha talento para enrolar o talo da flor,  
53 então, no relatório nos observamos e citamos isso ai que foi muito  
54 importante pra nós que a flor ele não conseguiu fazer mas todos os  
55 talos ele conseguiu enrolar direitinho então pra nós foi um  
56 planejamento que nós fizemos de cada um fazer uma flor pra distribuir  
57 e que no momento não foi possível ele somente ficou pra enrolar os  
58 talos.
- 59 Ent.: você observa que seus métodos avaliativos ajudam a combater o  
60 preconceito.
- 61 Prof. E.: eu acredito que sim, porque no momento em que agente esta  
62 avaliando nós temos alunos com baixa visão, nós temos alunos com  
63 deficiência mental, vários tipos de deficiência na sala de aula e nós  
64 trazemos recursos para trabalhar com cada um, dentro da sua  
65 deficiência, então eu acho que o nosso método, eu acredito que não,  
66 não, eu acho, eu acredito que dá oportunidade pra cada um aluno,  
67 então eu acho que isso é bom para trabalhar em sala de aula e é um  
68 combate sim ao preconceito né isso?
- 69 Ent.: na sua opinião a avaliação pode ter caráter inclusivo ou exclusivo?
- 70 Prof. E.: eu acho que é de incluir porque a medida em que a gente vai tomando,  
71 agente vai avaliando o aluno com os objetivos então com os objetivos  
72 em que cada um esta sendo observado a sua deficiência a sua  
73 dificuldade eu acho que isso é inclusão porque até para o professor  
74 mais tarde ou, na, logo em seguida ele pode ver aonde ele vai  
75 melhorar, o professor né, aonde ele pode continuar e aonde ele pode  
76 está melhorando, então é pra isso que eu acho que serve a avaliação e  
77 pra mim ela é a forma que agente avalia é inclusiva.
- 78 Ent.: quais as suas expectativas em relação ao desenvolvimento dos seus  
79 alunos?
- 80 Prof. E.: olha o que a gente espera deles é que eles sejam uns alunos  
81 Independentes e que eles possam está sempre incluídos na sociedade  
82 e com isso eu a... é essa a nossa meta e a minha expectativa.
- 83 Ent.: como você imagina que será o futuro dos seus alunos?
- 84 Prof. E.: podemos dizer que o que agente imaginava no ano de 2007, hoje já  
85 esta acontecendo que é independência né (de) nossos alunos a maioria  
86 não mas tem uma turma dos aprendizes que eles já vão pra casa  
87 sozinhos e vem pra escola né, o que aconteceu na... quando o

88 motorista faltou uma vez agente viu o tanto que eles estão  
89 independente que eles pede pro motorista parar, chama os colegas e  
90 vem a maior alegria pra escola então já estão dependentes, alguns já  
91 não depende tanto do ônibus né, já vem sozinho né, então eu acho  
92 que só tem a melhorar cada vez mais, isso ai agente pensava em 2007  
93 agora já está acontecendo graças a Deus.  
94 Ent.: ok muito obrigada.  
95 Prof. E.: ok valeu.

Entrevista, 4, Dia 28/25/2008, Duração, 20:00

- 1 Ent.: qual o seu nome?  
2 Prof. I.: I.  
3 Ent.: sua idade?  
4 Prof. I.: quatro ponto dois.  
5 Ent.: tua formação?  
6 Prof. I.: faço pedagogia.  
7 Ent.: a quanto tempo você exerce essa função é... aqui na APAE?  
8 Prof. I.: na APAE tem cinco meses aqui na APAE né... eu sou professora a  
9 dezenove anos.  
10 Ent.: você tem ou teve alguma preparação pra trabalhar com crianças com  
11 S.D.?  
12 Prof. I.: com S.D. (não)... na verdade quando eu vim em janeiro eu mais a Ana  
13 da estimulação preços, a gente ficou três semanas né... passamos  
14 psicólogo... psiquiatra por todo mundo... fizemos é planejamento...  
15 cursos... assistimos fitas é... eu já tinha sim... eu já tinha feito  
16 trabalho... eu já tinha feito bastante curso de educação especial na  
17 prefeitura há muitos anos com a Noeline que ela é coordenadora da  
18 parte da... daquela parte lá dá... dá... educação especial da prefeitura e  
19 eu fiz bastante cursos com ela, fui muito com o pessoal de Belém com  
20 os professores da UFPA de Belém que são especiais né... eles vinham  
21 aqui dá esses cursos, mas eu nunca tinha ficado... eu tinha sim, pelo  
22 fato de eu ter feito esses cursos nas salas normais eu... eu... tinha  
23 assim um... dois... três... alunos que eram acompanhados  
24 esporadicamente pela prefeitura não... não... específico direto... mas  
25 só... só... só uma sala só com problemas de deficiência é assim, minha  
26 primeira experiência mas ta até sendo legal porquê além dessas  
27 semanas de preparação nós ainda tivemos um curso de... de que  
28 mesmo? pera ai... um curso de desenvolvimento infantil no contexto  
29 da IA DBI, que foi uma parceria que o governo do estado fez com a  
30 CEPA... com a quarta URE... com a CESMA.. com o hospital de...  
31 hospital de crianças com deficiência... com a UEPA e nós fizemos  
32 oitenta e oito horas... primeiro módulo foi... foi... foi esse do  
33 desenvolvimento infantil e o segundo que também durou quarenta e  
34 oito horas foi de... da relação escola família no caso da educação  
35 especial né... família da educação especial... como tratá – la... como  
36 abordá – la... como incentivá – la porque aqui é mais complicado...  
37 porque tem que orientar as mães a questão da aposentadoria né...  
38 cada criança tem vê... vê... orientar ela pra onde que ela vai se for no  
39 posto e orientar se for na assistente social da prefeitura ou de algum  
40 órgão assim... e ai a gente ta fazendo... eu acho... eu acho assim um  
41 trabalho excelente nunca tinha trabalhado... tô gostando muito de não  
42 assim é porque eu nem sabia de uma questão que tinha um adicional  
43 aqui né... (de ficar com educação especial) realmente só educação

- 44 especial eu acho ruim porque é só alunos com educação especial né...  
45 não tem mistura e ideal era ter essa mistura um dos meninos que não  
46 tivesse problema eu acho que desenvolveria muito mais porque  
47 assim...
- 48 Ent.: na tua opinião o que é a inclusão do aluno com S.D é como ela  
49 acontece?
- 50 Prof. I.: olha pra mim... pra... pra o aluno ser incluído assim como... como...  
51 quer... como quer... o governo e tudo... tem... eu acho... falo assim que  
52 só os problemas... só as crianças com problemas não evolui nenhuma  
53 ... precisa de todo um aparato fono, físico... atividade essas coisas para  
54 que isso aconteça com a outra criança e claro que essa evolução seria  
55 muito mais rápido porque ele as vezes tenta imitar mas como que...  
56 que... que (falta um monte de coisa) a escola não tem estrutura pra...  
57 pra... pra pegar menino ela não tem aquela... aquele no caso aqui tem  
58 bastante coisa tem sala de jogos... tem sala de não sei o que...t em  
59 coisa colorida tem o fono... e tem o fono que chega e passa atividade  
60 pra gente... Isa faz exercício de língua... faz... coisa assim que na escola  
61 normal não tem esse apoio entendeu... por isso se tivesse esse apoio  
62 na escola normal tenho certeza que ela desenvolvia rapidinho tenho  
63 certeza sem problema nenhum... eles... ele aqui que não ouve tal...  
64 tem todos esses problemas ele já consegue balbuciar três palavras em  
65 quatro meses né e é porque ele não faz nenhuma parte clinica porque  
66 a mãe dele nunca veio, eu é que (faço ) repetindo... repetindo...  
67 repetindo fazendo coisas e ele vendo os outros meninos e ele começou  
68 a se interessar.
- 69 Ent.: como você faz as suas avaliações com os seus alunos?
- 70 Prof. I.: eu faço assim ó... eu faço as tarefinhas cada dia por exemplo de...  
71 todos os dias tem uma observação... dia onze eu faço a aula e coloco  
72 quem eu acho que se destaca e merece uma avaliação mas todos  
73 entram na avaliação durante a semana tem uns que são repetidos aqui  
74 fiquei surpresa com a aluna Laísa essa menina ela é S.D. mas ela  
75 respondeu muito bem as atividades desde o começo né só tem aquele  
76 negocio de ser muito... o S.D. tem aqui negocio fica embaixo  
77 o S.D. tem aquele negócio fica embaixo das coisas pra fazer uma tarefa  
78 tem que ficar puxando ele fica envergonhado o tempo de  
79 concentração também dele também é bem curtinho tem que  
80 aproveitar na hora que ele está  
81 concentrado, tem que ser um negócio assim... bem agitado pra que  
82 eles chamem atenção até porque eles tem que fazer uma atividade  
83 que chame atenção até porque ele é... ele é autista e se não tiver pra  
84 ele não ta nem ai... ele fica na janela olhando... olhando lá pra (longe).  
85 Ent.: essa avaliação que você faz aqui na APAE é diferente da avaliação que  
86 se faz na escola normal?
- 87 Prof. I.: é no caso aqui nosso a gente vai fechar o bimestre... vai pegar todos



88                   esses desde o começo... vai... vai... vai se basear nesse livro aqui né...  
89                   da pediatria no estado do Pará é porque aqui nele tem e a gente vai...  
90                   avaliou através dele o que cada criança... porque no caso aqui... é o  
91                   desenvolvimento cronológico que vale não é o da idade... então a  
92                   gente tem aqui uma pessoa que de inicio consegue fazer uma criança...  
93                   se ele se encaixa dentro deste perfil e ai aqui dá pra cada tipo de  
94                   problema... se ela não teve reflexo (muda)... reflexo (muda) que é  
95                   atividade que deve ser feita e ai a gente vai fazendo isso, baseado nisso  
96                   eu acho que tem que ter bastante... eu acho assim que tem algumas  
97                   coisas que eu olho e acho bastante difícil é negócio de oficina de... de...  
98                   construtivismo, oficina de... de...eu já fiz um monte de oficinas, mas há  
99                   era legal dar aula assim... mas agora tem outros fatores que vai além...  
100                  se essa criança... ai depois eu descobri que uma crianças às vezes tem  
101                  desenvolvimento demorado na escola normal porque as vezes a mãe  
102                  teve uma doença... deu (anorexia) na hora de nascer ou o ( ) dessa  
103                  criança quando nasceu no primeiro segundo de vida foi abaixo de sete  
104                  e eu não sabia disso uma coisa assim uma parte clinica que te ajuda a  
105                  entender o desenvolvimento dessa criança essa eu acho legal aqui.  
106 Ent.:           quais os instrumentos de avaliação que você usa na sua sala de aula e  
107                   existem alguns que você teve que criar pra poder avaliar algum aluno?  
108 Prof. I.:       não. eu não criei eu criei porque na proposta... na proposta do  
109                  desenvolvimento da própria SEMED... que é aquele plano anual que é  
110                  anual... ele não se prende na questão da educação infantil como  
111                  desenvolvimento ( ) (no final do ano tem que tá silábico são só as  
112                  questões das... das adaptações né... adaptar a criança a pegar a  
113                  levantar... a falar... a balbuciar não... não se aprender a questão da  
114                  alfabetização em si né... ai agente faz tarefa normal assim ó tarefa...  
115                  pinta... riscada... pintada de mãozinha... de grãozinho e isso ai a gente  
116                  coloca... (não só isso) mas recorte, colagem a gente utiliza as mesmas  
117                  atividades mais considerando a dificuldade de cada um. coloca quando  
118                  é com ajuda... com ajuda... sem ajuda... sem ajuda... pintura a gente  
119                  usa a mesma forma pro jeitinho de... nosso projeto de higiene bucal  
120                  porque e claro e evidente porque uma das (coisas terríveis aqui é a  
121                  questão “dente”), a gente faz recorte, colagem e a gente também vai  
122                  fazer... fazer através de um portfólio aqui que são os dados primeiros  
123                  da criança né... foto né... e aqui as atividades... selecionar algumas cola  
124                  e colocar a observação da dificuldade que teve... o objetivo era esse...  
125                  não conseguiu o objetivo, atingiu parcialmente o objetivo essa é nossa  
126                  forma de avaliar é isso?  
127 Ent.:           você observa que seus métodos avaliativos ajudam combater o  
128                  preconceito?  
129 Prof. I.:       como assim?  
130                  eu acho que se fosse numa turma de quarenta não. porque quando tu  
131                  tá numa turma de quarenta menino e até uma questão de que tu vai

132 se contradizer já é que é de desenvolvimento por um lado acontece a  
133 criança quer se, chegar a crescer, chegar aproximar aquela criança dos  
134 que não tem problema e aí tu falar que a atividade estimula o  
135 preconceito e ou a criança num avança, mas é que tipo assim tudo é  
136 uma faca de dois gumes né... uma coisa ajuda, mas a outra também  
137 não e um dos lados bons é a questão da interação que um aluno  
138 especial numa turma grande o desenvolvimento dele na relação  
139 humana é bom, mas assim, o lado de tu fazer uma atividade específica  
140 para uma criança na hora do lanche, na hora da saída, as crianças  
141 falam... por mais que tu fale, porque o histórico de preconceito tá  
142 raizado na família na raiz, a mãe chega, até mesmo na escola normal  
143 olá a gordinha, a professora gordinha... aí eles falam também aquela  
144 magrinha como se não tivesse nome. ah! o síndrome... o menino  
145 doente eles falam com o S.D. (...) qualquer um, ó doente não tem  
146 porque e cultural mesmo por mais que tenha uma boa cabeça, faça  
147 debate... faça debate essa questão dos preconceitos ainda vai  
148 acontecer... talvez num futuro bem longe isso não acontece mais... até  
149 essa questão de... de... de... eu acho assim um certo preconceito como  
150 negra desse negócio de cotas, parece uma coisa preconceituosa  
151 também... ó o bichi é negro da uma chacinha pra ele né.

152 Ent.: em sua opinião a avaliação pode ter um caráter inclusivo ou exclusivo?

153 Prof. I.: se for alunos especiais numa turma de trinta e claro que essa atividade  
154 vai gerar chacota né? Entre as crianças, qualquer tipo de atividade  
155 qualquer avaliação que faça até porque os alunos não vão considerar  
156 essa pessoa competente eles vão ficar com piedade aí você ter que  
157 trabalhar isso é que são elas.

158 Ent.: quais as suas expectativas em relação ao desenvolvimento deles?

159 Prof. I.: chi, pense numa pessoa que... que... o fono disse que eu sou... eu sou...  
160 eu sou muito... eu sou muito ansiosa e a ansiedade faz me peca porque  
161 eu quero quando eu faço alguma coisa assim eu já quero resultado já  
162 quero... já quero né... falou isso não é assim não professora... daqui a  
163 seis meses um mínimo do dedo que ele mexe já é um processo longo  
164 que ele acionou milhões de neurônios que ele acionou nesses seis  
165 meses pra poder mexer um dedo e aí eu fico assim... querendo mas eu  
166 espero que daqui pro final do ano eles já estejam bastante avançados  
167 em relação, não a questão de leitura mas de adaptação, se adaptar  
168 sentar direito, a andar, no caso da J. já tá andando quase bacana  
169 e já tá andando sem apoio... era com apoio nas paredes, agora ela já se  
170 levanta... ela já é autônoma, levanta até da cadeira e sai andando,  
171 segurando na mesa então eu espero que daqui pro final do ano eu  
172 tenha algum êxito se bem que eu e Ana eles já chamaram umas quatro  
173 vezes pra dizer que os nossos alunos tem um desenvolvimento bem  
174 interessante... lá na parte clínica que são uns alunos que mais tá bem  
175 rápidos é desenvolvendo algumas atividades eu fiquei feliz.

- 176 Ent.: como você imagina que vai ser futuro deles?
- 177 Prof. I.: ai meu Deus do céu, eu... eu fico assim apavorada quando eu vejo um  
178 crime assim bárbaro feito por uma pessoa especial, eu fico oh ! meu  
179 Deus do céu será que meu aluno vai fazer isso... conseguir se capaz de  
180 fazer isso com um certo receio assim sabe com e que é que funciona e  
181 fico lendo algumas coisas de... de.. coisa psicótica e fico pensando,  
182 meu Deus, será... se... se... se o que mexe com o neuroniozinho assim  
183 uma parte do cérebro que afeta porque segundo esses estudiosos não  
184 concerta mais né... neurônio que estragou... estragou e já era... ai eu  
185 fico pensando e ai será o que eu vou ter contribuído se não... ai eu vou  
186 pensar esse foi aluno meu, ou se não vou ver um aluno como aquele  
187 de matemática especial e um gênio né? e tantas outras experiências  
188 também eu vi esse mês passado eu vi uma garota S.D. casou com um  
189 menino de paralisia cerebral e ai ela ficou grávida que segundo eles  
190 não fica grávida e a menina, garota ficou grávida e eles  
191 estremadamente preocupados que ia nascer... a tendência também  
192 era nascer S.D e... a criança dela nasceu perfeita e eu torcendo...  
193 quando ela ficou grávida eu ô tomara que essa criança nasça normal...  
194 a gente fica estudando ai quando nasceu acho que foi o mês passado  
195 saiu até no jornal que a nenê nasceu e nasceu normal e tal e a avó toda  
196 feliz encantada né... eu... eu fico (pensando experiência boa... vai ser  
197 legal).
- 198 Ent.: ok ! muito obrigada.

Entrevista, 5, Dia, 28/05/2008, Duração, 8:00

- 1 Ent.: qual o seu nome?  
2 Prof. M.: M.  
3 Ent.: sua idade?  
4 Prof. M.: quarenta e oito anos.  
5 Ent.: tua formação?  
6 Prof. M.: é ensino superior completo em pedagogia.  
7 Ent.: a quanto tempo você exerce essa função é... aqui na APAE?  
8 Prof. M.: a oito anos eu estou aqui na APAE...  
9 Ent.: você fez algum curso pra trabalhar com S.D.?  
10 Prof. M.: não. fizemos vários cursos aqui mesmo na APAE, alguns oferecidos  
11 pela fonoaudióloga, tem a parte técnica né medica da APAE, foi feito  
12 vários cursos e o município de Marabá na tua.  
13 Ent.: na tua opinião o que é a inclusão do aluno com S.D. é como ela  
14 acontece com naturalidade igual acontece com as outras crianças  
15 porque só é uma diferença a mais em, como qualquer outra criança,  
16 cada um ser é um ser diferente e o S.D. é mais um deles.  
17 Ent.: como, como você faz a avaliação dos seus alunos?  
18 Prof. M.: eu avalio eles dentro de cada atividade que é feita naquele momento  
19 por acaso hoje é bandeirinhas se nós estamos trabalhando na festa  
20 junina eu to trabalhando mas, eu to avaliando cada um deles, quase  
21 que diariamente.  
22 Ent.: essa avaliação que você faz aqui na APAE ela é diferente da avaliação  
23 que se faz na escola regular? você acha?  
24 Prof. M.: eu acho diferente porque o professor tem que ser diferente eu penso  
25 assim cada um dos alunos é um aluno, então por isso cada uma das  
26 avaliações é uma avaliação, cada aluno é um jeito diferente de avaliar  
27 entendeu com um escrito o que tem condições, com o que não é  
28 escrito é visual, trabalho visual entendeu, cada um a seu jeito a  
29 avaliação e feita.  
30 Ent.: quais os instrumentos que você usa pra fazer essa avaliação.  
31 Prof. M.: geralmente eu uso figuras naquele que faz avaliação visual, uso  
32 atividade escrita praquele eu tem condição de escrita... geralmente o  
33 pessoal aqui sofre de paralisia e eles não tem condições... o Down eles  
34 fazem atividades com figuras aqui na APAE e essa avaliação é dentro  
35 dos critérios que a... que a entidade aqui propõe e é assim que é feita a  
36 avaliação com eles.  
37 Ent.: você já teve que criar algum instrumento... alguma estratégia diferente  
38 pra conseguir avaliar algum aluno? dê exemplos.  
39 Prof. M.: com certeza a cada momento tem que se (vê) o aluno de uma forma  
40 diferente por causa dos dias e como se encontra a criança né... é assim  
41 por acaso eu já tive que levar crianças pra avaliar na areia, enche o  
42 balde, seca o balde de areia entendeu na quadra anda na linha, vamos  
43 pular só com tapete feito de TNT na quadra, vamos brincar de rolar na

- 44 cor vermelha, amarela, azul e só os exemplos.
- 45 Ent.: você observa que seus métodos avaliativos ajudam a combater o  
46 preconceito?
- 47 Prof. M.: com certeza... com certeza.
- 48 Ent.: na sua opinião a avaliação ela pode ser exclusiva ou inclusiva?
- 49 Prof. M.: ela exclui, com certeza porque cada criança quando nasce... ela  
50 nasce... cada dia ela vive ela ta aprendendo entendeu, e essa avaliação  
51 que se usa dentro da escola ela só exclui a criança.
- 52 Ent.: quais são as suas expectativas em relação ao desenvolvimento dos  
53 seus alunos?
- 54 Prof. M.: que eles possam ser enxergados pela família e por toda sociedade  
55 como pessoas normais igual a todo mundo... tem certas dificuldades  
56 em determinados momentos mas que talvez no próximo momento já  
57 estejam prontos pra superar as dificuldades.
- 58 Ent.: como você imagina que como você deseja que seja o futuro deles?
- 59 Prof. M.: bem melhor do que já é agora né... eles estão bem entendeu, eu  
60 acredito que aqui dentro da APAE vem dando uma oportunidade pra  
61 eles de se sentirem melhor no mundo lá fora, mas com certeza esse  
62 mundo ele tem que ta mais preparado pra poder recebê – los.
- 63 Ent.: certo... obrigada.

Entrevista, 6, Dia, 29/05/2008, Duração, 11:00

- 1 Ent.: qual o seu nome?  
2 Prof. R.: R.  
3 Ent.: sua idade?  
4 Prof. R.: trinta e um.  
5 Ent.: tua formação?  
6 Prof. R.: magistério e to cursando geografia.  
7 Ent.: a quanto tempo você exerce essa função é... aqui na APAE?  
8 Prof. R.: há três anos.  
9 Ent.: você teve ou tem alguma preparação especifica pra trabalhar com  
10 alunos com S.D.?  
11 Prof. R.: hoje... hoje a gente já tem uma formação com a Elizete e a equipe  
12 clinica que já ta preparando assim os professores pra trabalhar com  
13 cada uma é com a... com cada aluno aqui né... com os alunos com S.D.,  
14 os alunos que tem DM né, só que antes não... antes foi... eu cheguei na  
15 sala de aula cai de pára-quedas... fui aprendendo aos trancos e  
16 barrancos com os alunos né... no dia – a – dia, mas graças á Deus hoje  
17 o professor aqui na APAE ele tem uma formação qualificada.  
18 Ent.: na tua opinião o que é a inclusão do aluno com S.D. e como ela  
19 acontece?  
20 Prof. R.: bem hoje com esse tempo que eu to aqui na APAE é o quê que eu  
21 posso dizer... que esse processo ele é lento né, mas ele já tem  
22 avançado mas só que pra que isso ocorra é necessário que a família né  
23 aceite essa criança né, porque essa inclusão né começa dentro de casa  
24 né porque o preconceito né ele também inicia dentro de casa né a  
25 gente tem procurado fazer um trabalho de inclusão assim... é  
26 procurando respeitar né esse aluno e mostrar pra família que ele é  
27 uma... uma... ele é capaz de ter uma vida normal como qualquer outra  
28 pessoa.  
29 Ent.: como se dá a avaliação dos alunos com S.D. aqui na APAE? ela é  
30 diferente da escola regular? dê exemplos.  
31 Prof. R.: é... o que vai fazer a diferença da avaliação da escola caso despertar  
32 APAE pra escola regular é tipo assim que você vai respeitar o  
33 desenvolvimento dessa criança né que não é tão diferente na verdade  
34 mas vai ter dia que o aluno ele num vai ta muito afim de fa...  
35 desenvolver uma atividade né... ai o que que vai acontecer é ai olha  
36 é... por exemplo tem dia assim que o aluno ele não quer, então na  
37 minha avaliação diária eu procuro observar os alunos todos os dias e  
38 passa as anotações daquilo que ele desenvolveu no dia.  
39 Ent.: quais os instrumentos de avaliação que você usa e em algum momento  
40 você teve que criar algum instrumento de avaliação pra conseguir  
41 avaliar um aluno?  
42 Prof. R.: ta, bem é... o meu instrumento de avaliação primeiro e a observação e  
43 o registro diariamente desse aluno daquilo que ele desenvolveu no dia

44 e já ocorreu sim o caso de planejar uma aula e chegar na sala de aula  
45 e ter que mudar toda a estratégia porque... porque... em geral o que  
46 ocorre aqui na APAE é que você tem que trabalhar com... de acordo  
47 com o trabalho tem que ser interessante por aluno né... ai tinha uma  
48 aluna que eu... eu... eu lancei uma proposta pra ela e aquilo não  
49 chamou a atenção dela... ai de repente eu peguei uma revista de  
50 Santos Dumont né e aí ela olhou aquela revista com tanto... com tanta  
51 vontade, com tanto gosto que ela começou a recortar e eu observando  
52 a Tamires e a gente todos os dias eu chegava como a APAE ela tem  
53 muita revista né... ela ganha muitas revistas e a gente começou... eu  
54 comecei a observar que todos os dias ela fazia recortes ele não cortava  
55 e recortava o rosto de Santos Dumont... sempre mesma figura né e  
56 colava na parede e eu fiquei muito feliz porque... porque a partir dali  
57 eu comecei, eu acreditei... tive plena convicção de que ela é capaz de  
58 aprender entendeu... na época eu exercia a função de professora de  
59 artes e fiquei feliz porque ela teve uma seqüência ela... ela... ela...  
60 respeitou é o limite da... da... da figura teve todo um trabalho,  
61 entendeu ai tipo assim esse é o Samuel que é um aluno que todos os  
62 dias quando eu chegava, lançava a proposta ela não conseguia né...  
63 então o do Samuel era um trabalho com tintas, o que chamava então a  
64 atenção dele era a tinta, então aqui na APAE tu em que sempre  
65 procurar tu chega... observa e tu começa dali a fazer as tuas anotações,  
66 a partir dali que tu vai ver o que o aluno quer, o que é interessante pra  
67 ele, então em geral a gente faz o planejamento mas sempre ocorre de  
68 usar outra... ter sempre na... na... no teu planejamento outra proposta  
69 que possa ser interessante pra aquele aluno.

70 Ent.: você acha que seu métodos avaliativos ajudam a combater o  
71 preconceito?

72 Prof. R.: sim, ajuda porque é... é... é... tipo assim, eu acho que é de grão em  
73 grão que a gente vai conseguindo trabalhar e sensibilizar né... tanto a  
74 família como a comunidade em geral a respeitar... a respeitar os S.D.  
75 né pra que eles possam conquistar mesmo o espaço deles, então eu  
76 acho que o que eu tenho trabalhado aqui na APAE, combate sim pelo  
77 menos um pouquinho já é uma contribuição pra... pra essa  
78 sensibilização.

79 Ent.: na tua opinião a avaliação ela pode incluir ou excluir o aluno?

80 Prof. R.: bom, avaliação ela é muito complicada de falar dela, porque ela tem o  
81 poder pra incluir e excluir entendeu? vivemos em um momento ou  
82 sempre vivemos em que se vê muita quantidade e não qualidade,  
83 então devido a isso né... fala – se muito em avaliação diária mas com  
84 frequência o que se vê no final de todos os semestres é aquela  
85 avaliação que exige nota e isso as vezes... isso tem assim um potencial  
86 muito grande de às vezes podar, entendeu? aquele o aluno porque vai  
87 que no dia o professor aplique uma avaliação pro aluno e ele não está

- 88 no melhor dia dele, então com certeza nesse dia esse aluno vai ter  
89 muito a perder, então como é que se fala tanto em avaliação diária,  
90 mas quando chegar em determinado momento eles cobram essa  
91 avaliação que exige nota né... então ai... a gente vê mais um  
92 processo de exclusão, entendeu? então a avaliação ela tanto inclui  
93 quanto exclui pra mim né.
- 94 Ent.: quais as suas expectativas em relação ao desenvolvimento dos seus  
95 alunos?
- 96 Prof. R.: o melhor, tipo assim, o que eu acredito que a partir do momento que  
97 a nossa sociedade né ela tiver assim sensibilizada de que quanto mais  
98 dedo a mãe colocar essa criança na escola essa criança vai ter toda  
99 oportunidade de aprendizagem entendeu... vai ter mais oportunidade  
100 de ser... de se incluir numa sociedade aos poucos mas vai conseguir  
101 entendeu... porque quando existe... quando eles demoram muito eles  
102 tem muito a perder, então o que eu vejo dos meus alunos aqui e  
103 quando ao desenvolvimento deles é o melhor eu acredito assim que na  
104 aprendizagem deles eu sei que eles são capazes, então eu sou uma  
105 verdadeira sonhadora eu acho que existe toda uma... eles tem todo  
106 uma oportunidade pra aprender... entendeu?
- 107 Ent.: como você imagina que seja o futuro dos seus alunos?
- 108 Prof. R.: bem, tem alguns aqui que tem habilidades pra dançar, porque não  
109 bailarina? Porque não cantar? Tem uns aqui que gosta de contar  
110 história né e já existe propagandas ai que á saindo direito na televisão  
111 de que eles podem ter uma vida normal, podem fazer uma faculdade  
112 por que nao? entendeu. por que não? por que não podem namorar  
113 também? Então eles precisam ser vistos pela sociedade como pessoas  
114 normais é normais que podem ter uma vida normal há uma... eles tem  
115 necessidades diferenciadas mas que são pessoas que podem ter uma  
116 vida normal então eu vejo assim um futuro brilhante pra cada um  
117 deles... junto né com a família que trabalha e valoriza essas crianças.  
118 Ent.: ok obrigada.



Entrevista 7, Dia 30/05/2008 Duração 17:13 minutos

- 1 Ent.: qual o seu nome?
- 2 Prof. L.: L.
- 3 né eu faço por observação, eu faço por atividades escritas mesmo, faço
- 4 algumas atividades escritas né... faço por e... e... e não só observação
- 5 do aluno é diariamente mas também assim observando, tem dias que
- 6 eles estão mais assim querendo aprender tem dias que eles não
- 7 aprendem muito né... então a avaliação (e assim) eu faço através da
- 8 escrita, eu faço através dos jogos também eu faço através da
- 9 observação ainda mais que minha área é matemática né...
- 10 Ent.: você acha que a avaliação que você faz aqui na APAE ela é diferente da
- 11 que é feita na escola regular?
- 12 Prof. L.: é... é...
- 13 Ent.: me dá assim... um exemplo.
- 14 Prof. L.: é diferente porque o aluno regular por exemplo ele... ele consegue
- 15 escrever né... ele tem um raciocínio melhor porque os meninos aqui
- 16 eles as dificuldades dele pra poder eles entenderem uma cor por
- 17 exemplo a maioria dos alunos a maioria dos alunos é do EJA e
- 18 fundamental eu trabalhei fundamental até... até junho ai passei...
- 19 trabalhava no EJA, ai me botaram pro fundamental, me botava pro EJA
- 20 de novo... então eles não sabem contar de um à dez... então eu to
- 21 trabalhando isso de forma diferente... ai eu trabalho com jogos... ai eu
- 22 trabalho com vários tipos de jogos diferentes é (copo)... e dado... é
- 23 tampinhas e contagem é vários tipos de brincadeiras é... é dama sabe
- 24 são vários tipos pra ver si... e com os números mesmos então
- 25 realmente é bem diferente dos ditos normais porque na escola normal
- 26 você passa conteúdo... você passa um jogo... você passa uma
- 27 brincadeira fica mais fácil do aluno entender.
- 28 Ent.: é... nesse teu trabalho com alunos daqui da APAE que já dura cinco
- 29 anos, nesse tempo você já teve que inventar que procurar algum
- 30 método, algum instrumento diferente pra conseguir avaliar algum
- 31 aluno que tu não tava conseguindo?
- 32 Prof. L.: pra avaliar nem sempre agora pra ensinar sim... pra ensinar algum
- 33 assunto sim... pra avaliar (também, mas pra avaliar eu uso a
- 34 observação e tal né)... se eu passo um jogo para aquele aluno fazer um
- 35 joguinho né eu vou observar essa semana mesmo eu fiz o que? eu
- 36 peguei fiz um joguinho assim... peguei um papel, uma folha, coloquei
- 37 alguns numerais né é pra eles identificar... peguei os números, peguei
- 38 várias tampinhas com os mesmos números pra eles identificar... então
- 39 eu colocava... coloquei todos os números de um até seis digamos
- 40 então coloquei um... mostrei oh, aqui é o um esse é o um... esse é o
- 41 dois... esse é o dois ai mostrava o três até seis né... depois tirava tudo
- 42 de cima, as tampinhas de cima daqueles números... certo, tirei as
- 43 tampinhas pra ele mesmos fazerem isso, teve aluno que conseguiu,

- 44 teve aluno que não conseguiu, esse trabalho foi individual de um por  
45 um então eu peguei coloquei cada aluno, coloquei as tampinhas,  
46 coloquei o número de tampinhas que tava lá né no papel e com cada  
47 aluno, eu fui de um em um né... então alguns alunos conseguiram  
48 identificar colocaram as tampinhas no lugar certinho, observei quando  
49 colocou, observei quanto levou ele levou pra colocar aquilo ali teve  
50 alguns que conseguem rápido, teve alguns que eles conseguem com  
51 muita dificuldade mais conseguem, os mais lentos né... então tudo isso  
52 é o processo de avaliação agora como eu uso.  
53 como você perguntou... sua pergunta qual foi mesmo?
- 54 Ent.: se no teu processo de avaliar você já teve que arranjar instrumentos  
55 diferentes para avaliar um certo aluno que você não estava  
56 conseguindo avaliar ele?
- 57 Prof. L.: é... eu avalio assim dessa maneira através da observação de várias  
58 outras coisas e pra ensinar também, pra ensinar a gente vai,  
59 dependendo trabalhando valores né... sistema financeiro vamos  
60 comprar alguma coisa, explico direitinho aqui ai vamos comprar pra  
61 ver se através daquele... daquela compra ele vai comprar direito  
62 aquele material é uma forma de avaliação né... eu to avaliando... eu  
63 ensinei... eu expliquei oh, esse dinheiro dá pra comprar isso... isso... e  
64 isso... cinquenta centavos dá pra comprar uma balinha né... vamos ver  
65 quanto é o pirulito ai nós vamos né... saímos da escola vamos lá na  
66 vendinha o certo é que eles consigam comprar é um processo de  
67 avaliação diferente.
- 68 Ent.: você observa que seus instrumentos avaliativos eles combatem o  
69 preconceito?
- 70 Prof. L.: é... de certa forma sim, porque por exemplo quando a gente vai  
com  
71 um aluno principalmente nessa área quando a gente sai com eles  
72 então quando a gente vai em algum lugar na venda embaixo do pé de  
73 manga ali com ele nessa rua tem um pé de manga lá então às vezes a  
74 gente ta mostrando pras pessoas também que eles podem fazer  
75 alguma coisa, algumas pessoas perguntam... brincamos, então é uma  
76 forma de combater o preconceito.
- 77 Ent.: na sua opinião a avaliação ela pode ser um instrumento de inclusão ou  
78 de exclusão?
- 79 Prof. L.: claro que é de inclusão porque quando você vai avaliar o aluno vai  
80 avaliar se ele tem capacidade ou não de ir praquela sala de aula com  
81 outro tipo de aluno né... você ta avaliando não esse tem capacidade  
82 não só na maneira dele fazer como na maneira dele se comportar  
83 também, (porque o comportamento dele dá pra avaliar).
- 84 Ent.: é... quais as tuas expectativas em relação ao desenvolvimento dos teus  
85 alunos?
- 86 Prof. L.: não... tem... alunos que realmente tiveram progressos excelentes... o

87 Romário quando ele entrou aqui deu preocupação pra nós aqui... ele  
88 ficou comigo a primeira vez... esse menino ele... ele às vezes o ensino  
89 não é só... só processo educativo assim... de pedagógico agente tem  
90 que ensinar tudo aqui na APAE como o menino deve se sentar, como o  
91 menino deve usar o banheiro né... tudo isso a gente ensina aqui na  
92 APAE o processo só avaliativo é... é... é grande né... é tanto é que cada  
93 sala tem um banheiro que é pra poder usarem h... lavem as mãos,  
94 dêem descargas então às vezes na casa dele não tem banheiro né,  
95 então tudo isso são coisas que eles tem de ta aprender... então tem  
96 alunos aqui que desenvolveram muito, muito mesmo, alunos que  
97 chegava aqui chorando... tinha uma menina... a Isabela quando ela  
98 chegava aqui ela chorava demais né... depois de um certo tempo essa  
99 menina parou de chorar... alias choro de ficar o dia todo chorando a  
100 manhã todinha a mãe dela tava pra tirar ela daqui né... pequenininha  
101 ela tinha três anos agora ela vem... ela usa cadeira de rodas, mas é  
102 muito boa, ela gosta de vir pra APAE fazer fisioterapia ela de primeiro  
103 era maior dificuldade, então a gente vê que às vezes é demorado o  
104 processo, mas consegue sim avançar.  
105 Ent.: como você imagina que será o futuro deles?  
106 Prof. L.: oh, a gente sempre imagina o melhor né, mas também como aqui na  
107 escola tem assistente social, tem psicólogo pra ajudar os pais também  
108 a gente às vezes chama os pais também porque esse... esse futuro não  
109 depende só da gente, entendeu... eu to esse ano aqui, ano que vem eu  
110 não sei se vou estar né... mas se eles continuarem assim como os  
111 alunos que começaram aqui com dois, três anos e (dentro desses três  
112 anos eles avançaram) vão avançar, agora avançar assim nem sempre  
113 vai ser no ler e no escrever né... no comportamento né... como... como  
114 se manter como ele fazer alguma coisa ajudar a mãe em casa, ainda  
115 mais agora... porque tudo isso que o ano que vem vai ter as... as fases  
116 de aprendizagem mesmo dia – a – dia como trabalhar, então porque  
117 ninguém é... é desclassificado por não aprender nada não é pelo fato  
118 de não saber ler e escrever que não pode uma outra função às vezes é  
119 um ótimo jardineiro né... às vezes é um ótimo garçom né... pode dá um  
120 ótimo garçom a pesar dele não saber ler e escrever, então o nosso  
121 processo aqui de ensinar o menino a ler e escrever nosso processo  
122 também é de aprendizagem em tudo mas já tem muito menino aqui  
123 que já sabe ler e escrever.  
124 Ent.: é... eu já... já soube que a APAE o ano que vai fazer cursos técnico  
125 profissionalizantes... você acha que muitos alunos através desses  
126 cursos podem adentrar no mercado de trabalho?  
127 Prof. L.: pode...só que esse processo é muito difícil porque vai depender da  
128 família né... vai depender muito da família deles e às vezes... e às vezes  
129 nem todos os pais querem principalmente porque a maioria deles  
130 recebem benefícios e se eles forem pro mercado de trabalho eles

- 131 perdem eles perdem o beneficio.
- 132 Ent.: um... era isso que eu queria saber... se era medo do preconceito, medo da rejeição...
- 133
- 134 Prof. L.: sabe o quê que eu acho a APAE trabalha com crianças carentes (...)
- 135 então o dinheiro infelizmente é uma ajuda muito grande (às vezes o
- 136 dinheiro daqui junta mais um pouco porque não e só pra ele é também
- 137 pra família) então se eles fossem assim pro mercado de trabalho,
- 138 trabalhar de carteira assinada ele vai perder o beneficio.
- 139 Ent.: é... pela tua experiência aqui você acha que os empresários da cidade
- 140 vão estar abertos pra receber esses meninos? aqueles que os pais
- 141 quiserem que adentrem ao mercado de trabalho?
- 142 Prof. L.: é assim meio difícil porque a população não está acostumada né...
- 143 Ent.: [não está educada.
- 144 Prof. L.: [educada pra trabalhar com pessoas com deficiência... você... vê que
- 145 tem a Leolar, tem o Paraíba, tem né... pessoas com deficiências mais é
- 146 muito pouco... uma deficiência muito pequena.
- 147 Ent.: uma iniciativa muito no começo.
- 148 Prof. L.: é no começo e uma deficiência pequena tem que ser mudo sem uma
- 149 deficiência exposta audição.
- 150Ent.: nenhuma deficiência aparente?
- 151 Prof. L.: né aparente... o Paraíba pega só menina muda né... só que ela fazia
- 152 tudo mais é muda é muito pequeno o número e infelizmente a
- 153 população não está preparada pra essa né... um dia desses teve um pai
- 154 de um aluno aqui o R. que ele estava na parada do ônibus e o
- 155 menino faz ele ficar todo nervosinho na parada sentado no calo do pai
- 156 dele ai o homem ficou olhando assim o pai dele já tava irritado com
- 157 aquilo o homem tava olhando assim... achando estranho e foi sentar
- 158 um pouco longe... o homem encara a deficiência como coisa de outro
- 159 mundo...um ser de outro planeta... tem que encarar normalmente, às
- 160 pessoas que não estão acostumadas elas estranham não querem
- 161 chegar perto, tem gente que faz brincadeira então tudo isso, meu filho
- 162 mesmo ele estuda no Êxito na Velha Marabá, mas ele vem no ônibus
- 163 comigo ai os meninos falaram assim eu esse ônibus de mongolóide, ai
- 164 ele disse mãe os meninos me chamaram de mongolóide porque eu vim
- 165 no ônibus da APAE e tal... tal.
- 166 Ent.: ele tem síndrome de Down?
- 167 Prof. L.: não... ele não tem nenhuma deficiência.
- 168 Ent.: [há entendi ele vinha no ônibus.
- 169 Prof. L.: [no ônibus comigo ai quando chegava na parada ele descia ai tem doze
- 170 anos, isso foi ano passado ai conversei com a coordenadora... falei pra
- 171 ela que seria bom trabalhar com os meninos que todos nós estamos...
- 172 que estamos bons... pode sofrer um acidente e pode porque está
- 173 andando hoje não quer dizer que amanhã esteja andando pode ser
- 174 que um menino dito normal depois sofra um acidente qualquer e fique

175 paraplégico, tetraplégico, perde os movimentos, perde o modo de fala  
176 é às vezes tem uma paralisia ai entorta a boca ou pode ter (um parente  
177 com síndrome de Down ou outra deficiência qualquer) das deficiências  
178 a S.D. é a mínima é a mínima é a mais fácil de ser tratada tendo o  
179 acompanhamento desde bebezinho mesmo vai ter uma vida quase  
180 normal, agora um menino que tem... um caderante , ai fica mais difícil  
181 de tratar sofre muito... uma moça de dezoito anos como é que vai ser  
182 pra dar banho né... ai ela trouxe eles aqui na APAE, teve até  
183 apresentação mas veio só o fundamental de primeira a quarta série,  
184 mas foi bom se todas as escolas fizessem dessa maneira  
185 particularidades públicas... A Fazendinha, a escola aqui o Monteiro eles  
186 gostam muito... então tudo isso é um meio da sociedade está  
187 envolvida ai eu cheguei em casa e meu filho disse a mãe, convida os  
188 meninos da APAE lá... não sei o que de outras escolas públicas também  
189 isso deveria ser mais divulgado pra poder desde pequeno a formação  
190 começar a mudar quando ele visse uma criança na rua com S.D. ele  
191 não ia estranhar na sala de aula dele então tudo isso seria bom ele já ia  
192 se acostumar mais isso depende de ações do governo, da escola, dos  
193 coordenadores, depende da sociedade pra que aconteça.  
194 Ent.: L. muito obrigada.

Entrevista 8, Dia 02/06/2008 Duração 16:39 minutos

- 1 Ent.: primeiramente eu gostaria que você dissesse seu nome... seu nome?
- 2 Prof. Il.: Il.
- 3 Ent.: sua idade?
- 4 Prof. Il.: quarenta e dois anos.
- 5 Ent.: tua formação?
- 6 Prof. Il.: pedagogia.
- 7 Ent.: tem quanto tempo que você trabalha aqui na APAE?
- 8 Prof. Il.: três anos... três anos.
- 9 Ent.: na mesma função?
- 10 Prof. Il.: na mesma função... na mesma função de professora.
- 11 Ent.: do ensino fundamental?
- 12 Prof. Il.: é do ensino médio tem doze anos... agora aqui no ensino infantil  
tem
- 13 três anos.
- 14 Ent.: você fez assim... algum curso específico... porque eu sei a clientela de  
15 vocês aqui na maioria é síndrome de Down... você fez algum curso  
16 específico pra trabalhar com síndrome de Down?
- 17 Prof. Il.: não... olha...é o seguinte o curso específico eu não fiz, mas o que eu fiz,  
18 eu fiz é formações né... teve cursos aqui dentro da APAE qua foi dado o  
19 curso e também eu procurei pesquisar na internet né... nas revistas...  
20 estudar, fazer estudos sobre a S.D. pra mim poder trabalhar com essas  
21 crianças.
- 22 Ent.: certo... na sua opinião o que é a inclusão do aluno com a S.D.? e como  
23 acontece a inclusão de um aluno com S.D.?
- 24 Prof. Il.: dentro ou fora?
- 25 Ent.: aqui dentro e fora como você acha que acontece? Ou que deveria  
26 acontecer?
- 27 Prof. Il.: não aqui dentro é assim... eu to aqui a inclusão seja... eu creio que seja  
28 feita da seguinte maneira veja por exemplo na minha sala eu tenho  
29 crianças com síndrome de Down, pela parte da manhã eu tenho mais é  
30 síndrome de Down, já na parte da tarde já tem crianças com outras  
31 deficiências então é por isso que a inclusão ela seja feita... que a  
32 inclusão seja feita por etapas... por etapas com as crianças.
- 33 Ent.: certo... aqui é feita dessa maneira é como você acha que deve ser feita  
34 fora?
- 35 Prof. Il.: lá fora eu acredito que, lá fora seja feito lá deve ser feita uma  
36 continuidade daqui da APAE lá fora a inclusão com crianças lá fora a  
37 inclusão com crianças com S.D. e lá deve ser a continuidade daqui pra  
38 lá né...
- 39 Ent.: como você acha que isso deve acontecer porque a gente percebe que  
40 nas escolas regulares que você diz lá fora, os professores... os  
41 professores como vocês estão, o que você acha que deve acontecer  
42 para acontecer essa inclusão deles na escola regular?

- 43 Prof. Il.: olha eu acho que... não eu acho não... lá deve acontecer da seguinte  
 44 maneira, mesmo que lá os professores estejam despreparados pra...  
 45 pra receber essas crianças, mas tem outro professor na sala de apoio  
 46 né que ele vai dá total é... como é que se diz? ele vai dar total apoio a  
 47 essa criança né, na aprendizagem dela né... o professor normalmente  
 48 ele não ta preparado mas ai tendo outro professor na sala... sala de  
 49 apoio pra poder ta ajudando aquele professor... também daqui na  
 50 APAE nós temos uma formadora que ela sai daqui pra sempre esse  
 51 trabalho que é feito lá fora com as outras crianças da escola regular,  
 52 então eu acho que é feito dessa maneira.
- 53 Ent.: certo.
- 54 Como é que vocês fazem a avaliação dos alunos com S.D. aqui na  
 55 APAE?
- 56 Prof. Il.: olha a minha é continua... continua... as atividades eu faço as  
 57 atividades com eles né... através de jogos, é bastante leitura essas  
 58 coisas tem vídeo, tem então a minha avaliação é continua né... através  
 59 das atividades é o dia – a – dia então eu registro ali como é que ele se  
 60 saiu naquela atividade noutro dia pra ver como é que ele se saiu legal  
 61 eu dou outra atividade noutro dia pra ver como ele se sai até ele  
 62 conseguir aquele objetivo que eu quero com ele.
- 63 Ent.: certo... você acha que a avaliação que vocês fazem aqui na APAE...  
 64 você acha que ela é diferente da avaliação feita na escola regular?
- 65 Prof. Il.: olha, eu acredito que não, até porque... (gritos)... (gritos)... os  
 66 professores lá fora eles (gritos), (eles pra trabalhar com essas crianças)  
 67 eles devem ter formação... (gritos) e até porque também lá fora a  
 68 avaliação ta mudando né... já não é mais aquele tipo de avaliação  
 69 tradicional né... é eu acredito que o professor ele tem o método dele é  
 70 de como fazer a avaliação com aquela criança e lá fora tem a... o  
 71 professor pedagógico que sai daqui da APAE pra ir pra lá né...  
 72 justamente pra ir orientar esse professor então eu acredito que  
 73 avaliação deles não seja diferente daqui da nossa (gritos)... (gritos)... a  
 74 criança precisa... (gritos)... (gritos)...
- 75 Ent.: que na escola regular o que e feito atualmente é feito um formação  
 76 somente para o professor que tem algum aluno especial pra assistir  
 77 essas reuniões que é uma vez por mês, ai sim, a maioria não tem  
 78 nenhum contato né... devia mas não tem... esse ano por exemplo o  
 79 professor não conhece nada desse assunto, ai o ano que vem ele  
 80 recebe um aluno... (gritos)... (gritos)... (gritos)...
- 81 Ent.: e quais os instrumentos que você usa para avaliar seus alunos?
- 82 Prof. Il.: assim... instrumentos?
- 83 Ent.: é o que e que tu usa pra avaliar é observação...
- 84 Prof. Il.: olha a minha avaliaçãozinha é mais é na observação, faço trabalhos em  
 85 grupos com eles porque eles são (pequenos gritos... gritos).
- 86 Ent.: teus alunos são alunos de que idade?

- 87 Prof. Il: eles são crianças de quatro e cinco anos, mesmo assim dá pra trabalhar  
88 com eles em grupo e jogos como por exemplo boliche e... atividade de  
89 encaixe e... dá pra trabalhar em grupo eles sabem em rodinha, jogo da  
90 memória... entendeu... então é através disso que eu faço a minha  
91 observação é mais na observação a minha avaliação com eles, como  
92 eles estão se desenvolvendo naquela atividade que eu dei pra ele...
- 93 Ent.: nesse tempo que você trabalha aqui com crianças teve algum  
94 momento que você não conseguiu avaliar o aluno só com a observação  
95 e você teve que arranjar outro jeito... outro método de avaliar ele?  
96 Prof. Il.: teve...
- 97 Ent.: você pode contar?
- 98 Prof. Il.: teve o caso do A. que ele é uma criança e com deficiência mental,  
99 então teve assim uma determinada atividade que eu fiz com ele e na  
100 observação eu não consegui aquele objetivo avaliando ele daquela  
101 maneira, eu não consegui tive que fazer e tive que avalia – lo através  
102 de jogos eu tive que colocar ele pra fazer jogos tipo boliche sozinho  
103 né... porque lá no grupo ele não tava interagindo com os outros  
104 colegas, então eu tive que utilizar outro método entendeu... com ele ai  
105 eu consegui o objetivo que eu queria no momento consegui.
- 106 Ent.: você observa que os teus métodos avaliativos... eles combatem o  
107 preconceito? a maneira que você avalia seus alunos você acha que  
108 combate o preconceito mesmo uns com os outros?
- 109 Prof. Il.: olha eu acredito que sim, porque assim no momento em que eu estou  
110 trabalhando com eles em grupo que eu to fazendo aquela avaliação eu  
111 to colocando eles para interagirem uns com os outros, pra... pra  
112 trabalhar né... então eu acredito que nesse momento que eu to  
113 realizando esse tipo de atividade... trabalho de grupo eu acredito que  
114 eu esteja fazendo essa atividade...  
115 Ent.: combatendo o preconceito.  
116 [
- 117 Prof. Il.: é combatendo o preconceito até porque eles estão ali interagindo uns  
118 com os outros tanto faz o que escuta com os que não escutam né..
- 119 Ent.: na sua opinião a maneira que um professor avalia o aluno dele seja  
120 aqui ou lá fora essa maneira de avaliar pode incluir ou excluir esse  
121 aluno?
- 122 Prof. Il: olha na minha opinião se a professora se o método que ela tá usando  
123 tá utilizando... se a avaliação que ela usa ainda é tradicional eu  
124 acredito que ela exclui o aluno dela né... ela rotula né... assim de  
125 muitas coisas né... dependendo do método que ela está utilizando né...  
126 eu acredito que sim que com a avaliação tradicional ela exclui o aluno.  
127 Ent.: é... e qual aquela que não é exclusiva?
- 128 Prof. Il.: na... na... na minha opinião seria a avaliação que a pessoa faz aos  
129 poucos do aluno (gritos) (que avalia o todo) sabe... não só em partes  
130 mais avalia o todo do aluno... o conhecimento que ele já trás de fora



- 131 né... o todo do aluno.
- 132 Ent.: quais suas expectativas quanto ao desenvolvimento dos seus alunos?
- 133 Prof. Il.: assim... como assim?
- 134 Ent.: o que você espera que eles desenvolvam aqui dentro?
- 135 Prof. Il.: olha o que eu espero é assim que eles... assim... entendam o que eu
- 136 passo pra eles, aprendam, desenvolvam né... e que eles cresçam mais
- 137 ainda.
- 138 Ent.: como você acha que vai ser o futuro deles?
- 139 Prof. Il.: olha eu acredito que para os meus pequenininhos eu acredito que o
- 140 futuro deles sejam melhor... que eles sejam bem aceitos na
- 141 sociedade... sem preconceito... eu acredito que a sociedade vai tá mais
- 142 preparada pra recebê – los né... que a sociedade (gritos)... (gritos)...
- 143 aceite – os e tenha outro olhar.
- 144 Ent.: você acha que o curso técnico que vai acontecer o ano que vem vai
- 145 melhorar esse olhar da sociedade?
- 146 Prof. Il.: vai sim... com certeza vai... com certeza vai... melhorar muito né... o
- 147 andamento deles, o conhecimento deles... o andamento deles lá fora...
- 148 Ent.: certo.
- 149 Il. muito obrigada.